



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**  
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

**RAFAEL BOAVENTURA**

**LUZ CÂMERA AÇÃO:**  
A REPRESENTAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NO CINEMA

Salvador  
2024

**RAFAEL BOAVENTURA**

**LUZ CÂMERA AÇÃO:  
A REPRESENTAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NO CINEMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá

Salvador  
2024

UFBA Instituto de Ciência da Informação Biblioteca

B662

Boaventura, Rafael. Luz câmera ação: a representação do bibliotecário no cinema. /  
Rafael Boaventura . - Salvador, 2024.  
107 fls. : il. gráficos e apêndice

Orientadora: Prof. Dra. Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá

Dissertação(Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Bahia,  
Instituto de Ciência da Informação Salvador, 2024.

1. Bibliotecário – representação no cinema 2. Bibliotecário – imagem 3. Cinema-  
personagens bibliotecários I. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da  
Informação II. Título

CDU:023:791

**RAFAEL BOAVENTURA ALMEIDA**

**LUZ CÂMERA AÇÃO: A REPRESENTAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NO CINEMA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção de grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 15 / 04 / 2024

**Banca Examinadora**



---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá - Orientadora – UFBA



---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Nídia Maria Lienert Lubisco - Membro Interno Titular – UFBA



Documento assinado digitalmente  
GILLIAN LEANDRO DE QUEIROGA LIMA  
Data: 17/04/2024 12:29:29-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Gillian Leandro de Queiroga Lima - Membro Externo Titular – UFBA

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, inicialmente, a meus dois gatos, Domingo e Jujuba, sem os quais este trabalho teria sido terminado na metade do tempo.

Agradeço à minha família, tanto as de sangue quanto que o destino me deu, por me suportarem, de todas as formas, em ambas as formas.

Agradeço a todas as pessoas maravilhosas que me ajudaram neste longo percurso, com toda a paciência e dedicação, especialmente minha orientadora, Alzira, e à Nídia Lubisco, praticamente madrinha deste trabalho.

No final, agradeço também à UFBA, por ter me proporcionado crescimento profissional e pessoal e acreditado em mim.

## DEDICATÓRIA

Aos pedaços de humanidade que se juntaram, fortes mas trêmulos  
Nos piores momentos

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Concepções Metodológicas.....	27
Figura 1	Sistema de câmeras usada por Eadweard Muybridge.....	41
Figura 2	Vitascópio inventado por Thomas Edison.....	43
Figura 3	Cinematógrafo inventado pelos irmãos Lumière.....	44
Quadro 2	Filmes.....	61
Quadro 3	Critérios de Avaliação – Bibliotecário como Profissional.....	62
Quadro 4	Critérios de Avaliação – Bibliotecário como sujeito social...	63
Quadro 5	Descrição do filme 9 .....	63
Quadro 6	Descrição do filme Agora.....	64
Quadro 7	Descrição do filme A.I – Artificial Intelligence.....	66
Quadro 8	Descrição do filme All the Queen’s Men.....	68
Quadro 9	Descrição do filme Autumn in New York.....	69
Quadro 10	Descrição do filme Because of Winn-Dixie.....	70
Quadro 11	Descrição do filme Billy Eliot.....	71
Quadro 12	Descrição do filme Buongiorno, Notte.....	73
Quadro 13	Descrição do filme Chichi to Kuraseba.....	74
Quadro 14	Descrição do filme Confidences Trop Intimes.....	75
Quadro 15	Descrição do filme Dinotopia.....	77
Quadro 16	Descrição do filme An Extremely Goofy Movie.....	78

Quadro 17	Descrição do filme: Firestarter – Rekindled.....	80
Quadro 18	Descrição do filme The Librarian: Quest for the Spear.....	82
Quadro 19	Descrição do filme Men of Honor.....	84
Quadro 20	Descrição do filme Miranda.....	85
Quadro 21	Descrição do filme Read or Die.....	86
Quadro 22	Descrição do filme Red Dragon.....	87
Quadro 23	Descrição do filme School of Rock.....	89
Quadro 24	Descrição do filme <i>Star Wars Episode II: – Attack of the Clones</i>	90

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Classificação final dos profissionais representados.....	93
Gráfico 2	Sexo dos profissionais em tela.....	93
Gráfico 3	Idade das bibliotecárias.....	94

BOAVENTURA, Rafael. **Luz câmera ação: a representação do bibliotecário no cinema**. 2023. Orientadora: Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá. 100 f. il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

## RESUMO

Este trabalho resulta da análise de 20 filmes produzidos entre 2000 e 2010, com personagens bibliotecários, com o objetivo de analisar como o cinema constrói a representação do bibliotecário. Para tanto, discorre sobre o conceito de imaginário, memória, representação, sobre a história do cinema, considerando-o uma fonte de informação, um mediador cultural que, ao representar na tela a figura do bibliotecário, muitas vezes de forma estereotipada, o distancia da sua atuação, atribuições, demandas e especificidades profissionais, passando para uma análise das representações dentro dos filmes. Configura-se esta pesquisa como descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando-se de bibliografia das áreas correlacionadas ao tema, como biblioteconomia, ciência da informação, história e arte, adotando-se como critério de análise as classificações positiva, negativa e neutra para os filmes *corpus* da pesquisa, a partir de parâmetros de comparação entre a representação cinematográfica, o fazer profissional e o olhar social lançado sobre o bibliotecário. Concluiu-se que, embora a profissão do bibliotecário seja marcada por constantes buscas por aprimorar conhecimentos, familiarizar-se com novas tecnologias e atender aos usuários de forma prestativa, a representação do bibliotecário no cinema ainda é muito influenciada pelo estereótipo de uma pessoa hostil que desconhece ou ignora novas tecnologias, embora produções cinematográficas modernas aparentem distanciar-se desta imagem e até parodiá-la.

**Palavras-chave:** bibliotecário; cinema; representação

BOAVENTURA, Rafael. **Light camera action: the representation of the librarian in cinema**. Adviser: Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá. 100 s. ill. Thesis (Masters in Informational Science) – Post-Graduation in Informational Science Program. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

## **ABSTRACT**

This academic work is the result of the analysis of 20 movies produced between 2000 and 2010, depicting librarian characters, with the objective of analyzing how the cinema builds the representation of the librarian. For such, it discusses about the concept of imaginary and representation, about cinema's history, considering it an information source, a cultural mediator that, in representing the librarian on screen, in many times stereotyped, distances the professional from their acting, attributions, demands and professional minutiae, moving to an analysis of the representations within the movies through pre-established criteria. This research is configured as exploratory-descriptive, with qualitative approach, using of bibliographic material related to the topic, such as history, informational science, history and art, which establishes criteria for analysis – positive, negative and neutral – of the films that compose the body of the research, by establishing parameters of comparison between the cinematographic representation, the professional doing and the social gaze cast on the librarian. It concludes that the librarian's representation in cinema is still heavily influenced by the stereotype of a hostile person that lacks, or ignores, new technologies, although modern production appear to have distanced themselves from such image, even parodying it.

**Keywords:** librarian; cinema; representation

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 INFORMAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO</b> .....	16
2.1 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	25
2.2 BIBLIOTECÁRIO: REPRESENTAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL.....	29
2.3 DIANTE DO ESPELHO: OS BIBLIOTECÁRIOS SE RECONHECEM?.....	37
<b>3 CINEMA, HISTÓRIA E MEMÓRIA</b> .....	40
3.1 EM BUSCA DA REPRESENTAÇÃO DO MUNDO .....	46
3.2 LEGENDAS E ENTRELINHAS: A AÇÃO MEDIADORA DO CINEMA NA DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	51
<b>4 LUZ, CÂMERA, REPRESENTAÇÃO!</b> .....	56
4.1 A CATA DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	58
4.2 CRITÉRIOS, DESCRIÇÃO E ANÁLISE.....	60
4.3 OS DADOS.....	92
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	95
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	98
<b>REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS</b> .....	105

## 1 INTRODUÇÃO

A representação do bibliotecário construída pelo cinema tem sido, para mim, um objeto de pesquisa desde o curso de graduação. De tal forma que no meu TCC procurei responder a uma dúvida que me instigava: Há pesquisas sobre o bibliotecário no cinema? Sim, mas não muitas, e com tal assunto me instigando à pesquisar mais profundamente, decidi pesquisar mais sobre a figura do bibliotecário e buscar uma questão de pesquisa.

No site *Reel Librarians*, desenvolvido por Jennifer Snoek-Brown (2014), voltado para a coleta e análise do papel do bibliotecário no cinema, encontrei uma miríade de informações catalogadas e organizadas sobre diversos filmes com personagens bibliotecários, assim firmando minha decisão de pesquisar sobre o tema. O primeiro trabalho realizado, o TCC, teve como universo 12 filmes, produzidos entre as décadas de 2000 e 2010, cujo enredo incluísse personagens bibliotecários, como recorte da pesquisa. O período foi selecionado pela facilidade de acesso ao material, considerando que uma boa parte dos filmes mais atuais não estava disponível nem em DVDs, nem em *blu-rays* ou de forma consistente em serviços de *streaming*.

Esclarecida a questão de pesquisa - Como está construída, no imaginário social, a representação do bibliotecário no cinema? - parti, no curso de mestrado, para uma ampliação da fundamentação teórica que desse suporte para uma ampliação do escopo da pesquisa, para levantar perguntas que elucidassem mais sobre o assunto, em conjunto com outras vertentes que pudessem enriquecer a pesquisa e ampliassem o seu *corpus*, agora voltado para a leitura e a análise de 20 filmes.

Nesta dissertação, fui além dos estudos anteriores sobre a origem do cinema e os diferentes olhares lançados sobre o bibliotecário, tanto dentro da Biblioteconomia, como da sociedade. Busquei e ampliei a proposta de estudos sobre

a construção do imaginário, da representação, para incluir pontos de vista e referencial teórico sobre o cinema como fonte de representação e, ademais, sobre a ação mediadora do cinema na disseminação da informação e a sua recepção, vertentes que nortearam e enriqueceram a pesquisa que ora apresento.

E, para tanto, trazer mais questões se fez necessário: Como o cinema constrói a representação do bibliotecário? Que papel o cinema exerce como mediador e disseminador da informação?

Para respondê-las, delineei como objetivo geral **demonstrar** como o cinema constrói a representação do bibliotecário. E como objetivos específicos: A) **compreender** como o imaginário social interfere na representação do bibliotecário pelo cinema; B) **identificar** preconceitos e estereótipos que subjazem na representação do bibliotecário nos filmes escolhidos; C) **mapear**, nos filmes, semelhanças e diferenças do perfil profissional e social do bibliotecário e, finalmente, D) como o cinema, como disseminador/mediador de informação, influencia os espectadores.

A pesquisa se configura, quanto aos objetivos, como descritiva. De acordo com Gil (2002 p.41) descritiva, pois ela se propõe a descrever “características de determinada população ou fenômeno”, com o objetivo principal de aprimorar ideias sobre o objeto estudado.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois, na perspectiva de Gil (2002), ela se volta para as qualidades e valores atribuídos ao fenômeno estudado e dá visibilidade a esses elementos, adaptando e modificando os parâmetros de análise sucessivamente, conforme a pesquisa avança

Para a construção de uma base teórica sólida, foi realizada uma ampla pesquisa bibliográfica consultando livros e artigos de diversas áreas, tais como Biblioteconomia, Ciência da Informação, Arte e Cinema e História, cujo critério e procedimentos utilizados foram buscar as referências encontradas em material já

pesquisado, e profissionais de campos correlacionados com as diversas facetas desta pesquisa. O trabalho de pesquisadores tais como Edson Nery da Fonseca, Antônio Carlos Gil, Fred Kerlinger, Jaques Le Goff dentre outros, foram utilizadas como fontes de pesquisa e informação sobre cinema, informação, representação, além de pesquisas sobre o bibliotecário como profissional, seu papel social, além da legislação e normas instituídas pelo do Conselho Federal de Biblioteconomia. Um ponto encontrado durante a pesquisa de material, foi que diversos trabalhos detinham as mesmas fontes, o que levou à decisão de utilizar-se das fontes originais referenciadas de forma direta, independentemente de sua data de origem.

Como complemento ao levantamento bibliográfico, procedeu-se à pesquisa documental que abrangeu 20 filmes produzidos entre 2000 a 2010, com personagens bibliotecários, encontrados nas listas providas pelo site *Reel Librarians* e pesquisas no *Internet Movie Database* (IMDB). Os filmes foram vistos, utilizando-se um computador pessoal, através de mídias de DVD.

Este trabalho está assim estruturado: O Capítulo 1 corresponde a esta Introdução. O Capítulo 2 discorre sobre os conceitos de imaginário e representação como construções sociais; sobre a representação da informação e sobre a representação social e profissional do bibliotecário, os diferentes olhares lançados sobre ele tanto pela Biblioteconomia, como pela sociedade. No Capítulo 3, são abordados o cinema como fonte de memória e informação, seu papel como mediador e disseminador da informação. Após estabelecer os três principais pilares deste estudo (a representação, o bibliotecário e o cinema), no Capítulo 4 apresentamos os procedimentos metodológicos, os critérios de avaliação adotados e a demonstração dos resultados obtidos depois das análises dos filmes. Na seção de Conclusão, são apresentados os resultados desta pesquisa.

## 2 INFORMAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO

Desde a era do *homo sapiens* que a humanidade buscou se comunicar e estabelecer relações entre si. Para tanto, fez-se necessário criar e desenvolver formas de comunicação que lhe possibilitassem essa interação, a transmissão de ideias, sentimentos e impressões, a representação da realidade que o cercava. Tanto é que, na perspectiva de Sá (2018 p.93), o homem sempre recorreu por “[...] meio de representações, repassar o conhecimento que ia adquirindo sobre si e sobre a realidade que o cercava.”

Mas é pertinente não só analisar a representação do mundo como um propósito do cinema. É necessário que se questione sobre a informação nela contida, a quem se destina e, ademais, discorrer sobre esse conceito. Afinal, toda representação em si contém informação, como considera Shera (1972, p.164, tradução livre)

[...] ‘Informação’ é um termo para o qual a utilização foi dada diversos sentidos, mas para qual existem poucas definições. No sentido genérico, é o que é transmitido pelo ato ou processo de comunicação, isso pode ser uma mensagem, um sinal, um estímulo. Ela pressupõe uma resposta no organismo receptor e, assim, possui um potencial de resposta. No presente contexto, entretanto, uma interpretação mais restrita deve ser entendida. Sua motivação é inerentemente utilitária. [...].

É instrumental e é geralmente comunicada de uma forma organizada ou formalizada, principalmente porque tal formalização aumenta uma utilidade potencial. Já que é instrumental, a utilidade é seu maior critério de valor social, e promove um comportamento adaptativo.

É importante considerarmos esta e mais definições e conceitos de ‘informação’, para melhor desenvolver um arcabouço teórico, unindo o cinema como representação e a absorção da informação por seu público. Segundo o *Dicionário Aurélio* (1999, p1109),

Informação: [Do Lat. *Informatione*.] S.f. 1. Ato ou efeito de informar. 2. Dados acerca de algo ou alguém. 3. Conhecimento, participação [...] Conhecimento amplo e bem

fundamentado, resultante da análise e combinação de vários informes.

Enquanto o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (2008, p. 201) define o termo como

1. bib 1.1 Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão. A expressão 'registro' inclui não só os documentos tipográficos, mas também os reprográficos, e quaisquer outros suscetíveis de serem armazenados visando sua utilização. 1.2 Informação, na sua definição mais ampla, é uma prova que sustenta ou apóia um fato. 1.3 Registro de um conhecimento para utilização posterior.

Aldo de Albuquerque Barreto, estudioso sobre o tema, ao discorrer sobre o conceito de informação e sua distribuição e consumo, conceitua informação como “O conjunto de estruturas significantes com a competência de gerar conhecimento para o indivíduo e seu grupo”, cuja interpretação e absorção é multifacetada a depender dos receptores. A informação também “é qualificada como um instrumento modificador da consciência e da sociedade como um todo. [...] do homem e de seu grupo.” (BARRETO, 1994, p. 2). Para propósitos de trabalho, foram adotadas estes três conceitos. No entanto a informação em si não basta, ela precisa ser aceita para se transformar em conhecimento. O acesso e a aceitação dependem de uma miríade de fatores que vão desde o *status* social e interesses específicos de microgrupos. Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se inferir que a mesma informação com o mesmo conjunto de estruturas significantes pode ser aceita de diversas formas por diferentes segmentos de uma mesma sociedade.

É também preciso conceituar fonte de informação para que possamos, adiante neste trabalho, considerar o cinema como tal. Parte-se do princípio de que uma fonte de informação se caracteriza como um espaço ou lugar onde a informação pode ser encontrada. Pode-se, portanto, considerá-la como o lugar onde a nossa visão do mundo é ampliada pela possibilidade do acesso permitido à informação. Araújo e Fachin (2015, p.84) afirmam que: “As fontes de informações são registros utilizados ao longo da vida do ser humano, possibilitando ampliar a visão do mundo em que vive e sobre as coisas que estão a sua volta”. O conceito de fonte de informação pode ser desenvolvido em três ordens, na perspectiva daquele

que busca informações específicas dentro de um determinado conjunto de documentos ou seja, as fontes de informação podem ser caracterizadas como: primárias, secundárias e terciárias.

Documentos primários são geralmente aqueles produzidos com a interferência direta do autor da pesquisa. Considerando o contínuo do modelo de Garvey e Griffith, estariam principalmente no início do processo, incluindo, por exemplo, relatórios técnicos, trabalhos apresentados em congressos, teses e dissertações, patentes, normas técnicas e o artigo científico. (Mueller (2000, p. 28)

Assim, fontes de informação primária (referenciadas por Mueller como 'documentos') são difíceis de serem identificadas e localizadas de forma apropriada, já que registram informações imediatamente produzidas. Isto teria levado ao aparecimento das fontes secundárias que

[...] têm justamente a função de facilitar o uso do conhecimento disperso nas fontes primárias. As fontes secundárias apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido, dependendo de sua finalidade. São representadas, por exemplo, pelas enciclopédias, dicionários, manuais, tabelas, revisões da literatura, tratados, certas monografias e livros-texto, anuários e outras. As fontes terciárias são aquelas que têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias. São as bibliografias, os serviços de indexação e resumos, os catálogos coletivos, os guias de literatura, os diretórios e outras. (MUELLER, 2000, p. 29)

A partir dos conceitos emitidos anteriormente por Mueller e observando o que diz Cunha (2001, p. 126), as fontes de informação consideradas como terciárias:

[...] são um tipo de documento que apresenta uma síntese ou uma consolidação de informações. Trata-se, portanto, de uma literatura que resulta da transformação — consolidação ou 'reempacotamento' — da informação disponível, primária ou secundária, de modo a corresponder às necessidades dos usuários.

Deve-se salientar que ainda não há um acordo específico sobre o que é uma fonte de informação secundária e terciária, sendo que muitos citam fontes de informação secundária como terciária e vice-versa. E-mails podem, de certa forma, ser considerados fontes primárias, revisões online como secundárias. Com isto em

mente, pode-se pensar o cinema como uma fonte de informação terciária, onde o 'reempacotamento' da informação disponível, neste caso a pesquisa feita pelos roteiristas de como determinadas profissões atuam, ou como determinados locais se parecem, de acordo com a necessidade do diretor e os espectadores. Para melhor considerar o cinema como fonte terciária de informação, é pertinente trazer referenciar Mueller (2002, p. 30): "Em resumo, o modelo inicial proposto por Garvey e Griffith já não representa tão bem o processo de comunicação científica moderno".

Findada a conceituação de informação e fontes de informação, pode-se prosseguir para um melhor entendimento sobre o conceito de representação, vale ressaltar que ele é muito discutido, perpassando o campo da Linguística, da Historiografia, Semiótica, da Ciência da Comunicação e Ciência da Informação.

O *Dicionário Aurélio* (1999, p. 1747) define representação como "4. Reprodução daquilo que se pensa. 9. *filos.* Conteúdo concreto apreendido pelos sentidos imaginação, pela memória ou imaginação [...] ato ou efeito de representar, interpretação." Já o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia* (2008, 321) define o termo como "Reformulação ou indicação de um conceito por meio de uma linguagem de indexação ou de informação". Como pode ser notado, à representação é agregada uma polissemia que vale a pena ser explorada para uma melhor compreensão dos sentidos que lhe são dados.

O *Dicionário de Semiótica*, definem representação como:

[1.] **Representação** é um conceito da filosofia clássica que, utilizado em semiótica, insinua – de maneira mais ou menos explícita – que a linguagem teria por função estar no lugar de outra coisa, de representar uma 'realidade' diferente. Está aí, como se vê, a origem da concepção das línguas enquanto denotação: as palavras não são então nada mais do que signos, representações das coisas do mundo. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 419)

Para Greimas e Courtés (2008, p.382), a linguagem por ter uma função de "representar uma realidade diferente" deixa clara a origem da língua enquanto denotação, na qual as palavras são signos e estes representam o mundo. O mesmo nível de metalinguagem pode ser representado de diferentes maneiras, com os diversos sistemas de representação, sendo homologáveis e traduzíveis entre si. Ou

seja, a representação permite ao indivíduo, por sua própria natureza, escolher qual a forma que considera mais apropriada para se comunicar.

Albuquerque, Gaudêncio e Santos (2019, p.14) discorrem sobre a representação como o sistema pelo qual ideias eram 'resumidas,' atreladas a um conceito de substituição, onde uma pessoa substitui toda uma gama de ideias, representando-as de forma a serem disponibilizadas para outras pessoas, em outros pontos. A totalidade da língua natural é substituída pelos símbolos e signos, invariavelmente ocultando certos aspectos para a promoção de outros.

Voltando à noção de representação como substituição, Sá (2018, p.93) considera que a "[...] representação é um processo pelo qual se institui um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar do que representa, apesar de toda arbitrariedade do processo de instituição de um substituto." A partir dessa noção, pode-se pensar na 'substituição' como facilitador de processos comunicacionais, uma 'tradução' de um pensamento para um signo, seja ele uma representação, um som ou qualquer *media* adaptável, o que leva à conclusão de que a própria fala é um método de representação, numa forma de difundir, disseminar de forma 'interpretável'.

Este raciocínio é corroborado por Ferreira (2013, p.116), quando afirma que

Não existe uma única possibilidade de representação, pois os contextos mudam de acordo com propósitos estabelecidos para cada momento. A representação é um processo mental pelo qual o indivíduo busca o significado, descrevendo o que deve ser representado e designado, onde a relação sujeito X objeto se estreita para que se possa alcançar a interpretação do mundo a ser representado.

A representação, conforme está dividida entre a Representação da Informação (RI) e a Representação do Conhecimento (RC), onde a "RI trabalha com as questões de acesso à informação que se delimitam nas características documentais de conteúdo e forma, tais como: autoria; título; assunto e dados de imprensa da publicação." e a "RC prioriza o conteúdo informacional estabelecido por relações conceituais onde encontramos uma interligação com a classificação das ciências e a abordagem terminológica". Ou seja, a Representação da Informação ata suas representações às características da forma de transmissão (documentos,

autoria etc), enquanto a Representação do Conhecimento foca na transmissão de conhecimento internalizado pelo enunciador.

Para Hildenise Ferreira, faz-se necessário estabelecer relações de generalização, diferenciação, abstração e simbolização (este último sendo a transformação das experiências de vidas, percepções, imaginações, memorizações em símbolos) conforme explicita:

A **generalização** se caracteriza por entender como o objeto a ser representado tem uma aplicação dentro de uma categoria, essa categoria pode ser estabelecida por: objetos concretos, qualidades, relações, dentre outras características. A **diferenciação** se aplica quando o indivíduo é capaz de possuir um conceito e discerni-lo de sua forma geral, estabelecendo significados que permitam deduzir relações de: diferença, semelhança, causa e efeito e outras. Só assim podem diferenciá-los. Na **Abstração** o indivíduo aplica o conceito dentro de uma determinada realidade, considerando um aspecto do objeto, desligando-o de outras características. Quando isso não ocorre, e ele não se afasta da representação presenciada em sua primeira experiência com o objeto, a utilização do conceito será imprecisa quando aplicá-lo em contextos diferenciados. (NOVO, 2013, p.129)

Continuando com as diferentes concepções de Representação, Nascimento, que, baseado no pensamento de Buckland (1991, apud NASCIMENTO, 2021, p. 358), considera que as representações são construídas por conveniência, “Mais ou menos incompletas”, com inexatidões e distorções. Por serem convenientes, são substituições de um evento ou objeto, de um texto que, simplificadas, mais breves e/ou diminutas podem ser repetidas indefinidamente. Por conta de sua brevidade, faltam-lhes detalhes importantes do objeto representado, o que pode acarretar supressões, acréscimos, não exatidão que acabam por comprometer a informação que desejam disseminar, podendo transformá-las em informações “ruins”, como as designa o autor. Para propósitos deste trabalho, adotamos a definição de ‘Representação’ como processo de substituição, passível de alteração à partir de determinados contextos.

Pode-se inferir, após os conceitos de Buckland apresentados por Nascimento, que representações não são só substituições, mas feitas por conveniência. Nesse

caso, há de se considerar a disponibilidade e a frequência informacional que as constrói, especialmente após a afirmação que as representações, podem ser repetidas indefinidamente e que elas não necessariamente condizem com a realidade. Seguindo esta linha de pensamento, Dória e Santos (2019, p. 37) consideram

Tudo o que fazemos é resultante das nossas representações mentais, as quais geralmente estão acompanhadas de inferências fundamentadas nas experiências vividas. Desta forma, um objeto pode ser representado de diversas formas, de acordo com a leitura de mundo que o indivíduo possui.

Para Pesavento (2007, p. 22), pesquisadora da área da História Cultural,

A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade. [...] As representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada, pelos diferentes grupos do social.

Pesavento considera que a representação não se propõe necessariamente a corresponder ao 'real', mas, sim, interpretá-lo, dar-lhe uma configuração que varia de indivíduo para indivíduo. A forma de representar o mundo também pode não só ser compartilhada, mas imposta, ensinada, dada, desde quando o controle simbólico das formas de representar o real pode muitas vezes ser exercido na vida social, por grupos, instituições, instâncias de poder, ao propor valores, classificações, divisões e normas. Por exemplo, a visão religiosa, de viés criacionista, onde toda e qualquer ação, objeto ou criatura foram constituídos para obedecer a vontade divina, poderia influenciar pessoas a interpretar o mundo ao seu redor de maneira reducionista. Em contrapartida, um indivíduo que é formado em um ambiente de cunho analítico científico, é levado a interpretar o mundo como algo que pode ser analisado cientificamente, sem medo de considerar e interpretar diferentes entidades de diferentes religiões.

Partimos assim do princípio que a representação do mundo pelos sujeitos está interligada ao contexto no qual eles estão inseridos, daí poder-se afirmar que

pessoas diferentes, de origens e posições diferentes verão os mesmos objetos e situações de formas diferentes, e as representarão de acordo com suas próprias experiências. Ao mesmo tempo, essas experiências podem alinhar-se e ser repassadas para futuras gerações e/ou pessoas diferentes, em contextos diversos.

Vale ressaltar o que Ferreira (2013, p.120) apresenta a ideia na qual um signo especificamente designado para a representação dependerá não só da interpretação da pessoa ou entidade que o produziu, mas poderá ser interpretado de forma diferenciada pela pessoa que o capta, a depender de suas próprias vivências, experiências, percepção, sua própria imaginação e afins, sendo generalizada, abstraída e diferenciada para melhor ser interpretada de forma mais próxima ao intento original do transmissor.

Não se pode eximir, portanto, o imaginário da discussão sobre representação, desde quando, na perspectiva de Pesavento (2007, p.21), ele é “[...] um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”

Pesavento (2007) considera que o imaginário diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo e detém um caráter universal e transistórico perene no qual arquétipos<sup>1</sup> imaginários povoam e se perpetuam através dos tempos. Tomemos como exemplo a consciência de uma realidade transcendente, a ideia da morte, do duplo (cópia de uma pessoa) e do além (pós-vida). Esses arquétipos resgatáveis são possíveis de chegar até o presente representados nos registros escritos, falados, imagéticos ou materiais. Até mesmo sentimentos, fantasias, emoções deixam, segundo a autora, ‘pegadas’ passíveis de serem seguidas. Todas as sociedades, arcaicas ou modernas, tem seus sistemas imaginários de representação do mundo.

Neste ponto, é útil adicionar o que Le Goff (1986) considera sobre o assunto. Para ele o imaginário é como um regime de representações ao nível em que se tornava uma forma de realidade, uma tradução mental que não reproduz a realidade em si e que tudo aquilo que o homem considera sendo real é o próprio imaginário. O conceito de imaginário é, segundo Le Goff, tão amplo que tudo pode ser submetido a uma leitura imaginária. Histórias das concepções e ideologias, histórias das

---

<sup>1</sup> Segundo o Dicionário Aurélio (1999, p194) “Padrão, exemplar, modelo, protótipo”

estruturas mentais eram representações que compunham um imaginário que permitia tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos, desde que suas especificidades fossem respeitadas. Le Goff também chama a atenção para a possibilidade de homogeneização do imaginário social através de meios de comunicação em massa, ponto que será tratado mais adiante.

Fernando Tacca afirma que

A imagem mental dentro do que chamamos de imaginário social, se é efetivamente acessível, faz-se por meio das representações codificadas da realidade, prática normatizada pelas relações sociais, pela logicidade do verbal ou por uma logicidade própria da visualidade. Como uma caixa preta, as imagens mentais conscientes ou inconscientes relacionam-se de uma forma ambígua com as imagens reais, entendidas aqui como imagens naturais (TACCA, 2005, p.10).

Ou seja, todas as culturas utilizavam figuras (produzidas, pintadas, fotografadas etc), **sejam** abstratas ou baseadas em fatos e experiências vivenciadas. Ou seja, se a representação pode ser entendida como uma forma de o indivíduo **interpretar** facetas e objetos de uma realidade, lembrando que esta forma pode ser sobrescrita e imposta, o imaginário popular é uma rede tecida entre indivíduos que detêm representações similares, as quais podem vir a moldar o comportamento e as suas próprias expectativas em relação à 'vida real'. A representação da informação torna-se representação do conhecimento, seja este condizente com a realidade, e assim transmitida entre indivíduos.

Uma representação que não seja condizente com a realidade pode ser não só perpetuada indefinidamente, mas detalhes igualmente errôneos podem ser adicionados à sua estrutura conforme ela é disseminada. E, tal qual uma bola de neve transforma-se numa avalanche, esta representação pode solidificar-se no imaginário social de um grupo, espalhando-se e, talvez, até sendo imposta para outros.

## 2.1 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Discorridos os aspectos conceituais de informação, representação e imaginário, é preciso, portanto, verticalizar os estudos sobre a representação da informação, de forma a demonstrar o cinema como uma representação e fonte de informação.

Na perspectiva da Ciência da Informação, Albuquerque, Gaudêncio e Santos (2019, p.14) a representação da informação está atrelada a três elementos:

[...] a informação se configura como uma unidade de três elementos, são eles: 1. Conhecimento (conteúdo da informação); 2. Linguagem (instrumento de expressão de itens de informação); 3. Suporte (objetos materiais ou energia).

Ou seja, pode-se considerar que a representação da informação consiste numa prática de enunciação das propriedades de um objeto informacional (unidade de informação organizável) ou das relações desse objeto com outros que o identificam como tal. Desse modo, os objetos informacionais podem ser representados contando com suas descrições físicas (ou tratamento descritivo ou representação descritiva), como também com a descrição de seu conteúdo temático (ou tratamento temático ou representação temática). Essas representações, temáticas e físicas, visam à organização e facilitação de recuperação das informações e são consideradas por Albuquerque, Gaudêncio e Santos como práticas essenciais em sistemas de informação, contribuindo para que objetos informacionais e suas partes sejam acessíveis.

Kobashi (2007, p. 20), renomada especialista da área, explica que “[...] o conhecimento e suas representações se expressam pela linguagem”, que representações diferentes serão expostas de forma diferente em linguagens diferentes, a exemplo da linguagem documentária.

Fujita (2020, p. 121) considera que a linguagem documentária é um sistema de vocabulário baseado em conceitos, a exemplo de termos preferidos (descritores), termos não preferidos (não descritores) e suas inter-relações, referindo-se a um determinado ramo do conhecimento, destinado a controlar a terminologia utilizada

para a indexação/recuperação de documentos. Exemplo disso são as listas de cabeçalhos de assunto, os tesouros, as ontologias e taxonomias, entre outras.

Quando Novellino (1996) se reporta ao tema e retorna à representação como substituição, considera que o processo de representação da informação envolve a análise de assunto de um documento e a ‘tradução’ desta análise para uma expressão linguística. Para tal, é necessário uma padronização da informação, ou seja, uma linguagem que **classifique a informação** contida e a transforme/substitua em um símbolo equivalente. A exemplo, existem os códigos de catalogação para descrição ou representação física, a exemplo do Código Anglo-americano de Catalogação-2, e os de classificação, para descrição temática, como a Classificação Decimal Dewey e a Classificação Decimal Universal, só para citar alguns, que transformam o assunto contido em um livro em uma representação numérica, um código, para facilitar sua localização e sua recuperação.

A representação da informação, portanto, é um instrumento que viabiliza a busca e a apresenta ao usuário a organização e classificação de uma área específica do conhecimento e dá acesso à coleção desejada, não só ao item específico, mas a cada conceito envolvido. Ainda segundo Ferreira (1996), as diferentes concepções metodológicas da Representação da Informação são:

**Quadro 1 – Concepções metodológicas**

<b>Concepção Simplista</b>	Onde os assuntos são vistos como entidades absolutas objetivas, onde os métodos de indexação seriam próprios para uma automação completa, extraindo-se todas as palavras ou expressões dos textos.
<b>Concepção Orientada</b>	Orientada ao conteúdo, que envolve interpretação documental além do texto em si e de suas estruturas gramaticais superficiais, onde a análise do conteúdo envolve a identificação de tópicos e assuntos dentro de um documento não explicitados.
<b>Concepção Orientada à</b>	Onde as entradas de assunto são vistas como instrumentos para a transferência de conhecimento. Ou seja, os

<b>Necessidade</b>	documentos são criados para a comunicação do conhecimento e as entradas de assunto (a representação da informação contida) devem ser feitas para facilitar e mediar o conhecimento visível para pessoas.
--------------------	--

**Fonte:** Elaborado pelo Autor.

Vale a pena, no entanto, nos reportarmos ao processo histórico no qual a representação da informação percorreu um caminho que remonta à própria história da humanidade.

Araújo e Fachin (2015, p. 80) discorrem sobre esse percurso ao se referirem à representação desde as pinturas nas cavernas à invenção da imprensa, às tecnologias e ao meio digital. Ao longo da história, e após a invenção da imprensa, ao texto escrito, como uma representação, era agregado o valor de verdade, de autenticidade, tanto que a História foi construída através do acesso e pesquisa aos documentos escritos, constantes nas bibliotecas reais, arquivos monásticos, nos arquivos nacionais que proliferaram depois da Revolução Francesa.

De acordo com Ortega e Lara (2009, p. 122), “[...] os livros se converteram, por excelência, nos órgãos da conversação, da concentração e da difusão do pensamento”. Foi no início do século XX que esse paradigma foi desconstruído por Paul Otlet, que propôs um termo genérico - documentação - para todos os tipos de representação da informação, de documento, seja ele escrito, desde volumes e folhetos, certificados, a fotografias, discos e filmes. A ampliação da noção de documento reverberou e englobou outros suportes de informação, outras modalidades de representação da informação que não o livro e, dentre elas, destacamos o filme, objeto de nosso interesse e pesquisa.

Ainda segundo Ortega e Lara, o pensamento de Otlet foi levado adiante por Suzanne Briet, funcionária da Biblioteca Nacional da França, cujos princípios referentes ao documento, ou seja princípios referentes à representação da informação, foram revistos e ampliados. Essa noção engloba não só livros, cartas e fotos, como basicamente qualquer signo concreto ou simbólico com uma base específica do qual ele possa ser consultado. A ideia de documento também foi

ampliada pela influência exercida pela *École des Annales*. Segundo Schwarcz (2002, p. 8), a referida Escola ia completamente de encontro à noção de historicidade vigente que:

[...] definia o passado como um dado rígido, que ninguém altera ou modifica. Longe dessa postura mais ontológica e reificadora, para o historiador francês o passado era uma 'estrutura em progresso'.

A *École de Annales*, originária de Marc Bloch e Lucien Febvre e sua revista *Annales d'Histoire Economic et Sociale*, ia de encontro à mentalidade vigente, rígida na construção da História. Segundo o próprio Bloch (2002, p. 8), que pensava a História como algo passível de reinterpretação a partir da análise de qualquer tipo de documentos,

[...] o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.

Movimentos e mudanças como os que foram citados ampliaram a noção de documento e suas representações e, neste bojo, fotografias, discos, folhetos, cartazes, selos e filmes passaram a ser considerados como documentos passíveis de serem pesquisados na construção da história e da memória dos sujeitos e da sociedade, portanto, fontes de informação apropriadas por várias áreas do conhecimento.

Se as representações estão passíveis de mudanças, se o contexto vai definindo a diversidade de formas do homem representar o mundo, se o conceito de documento se ampliou, se novas modalidades surgiram, se novas técnicas e tecnologias despontaram, podemos intuir que o imaginário dos sujeitos foi e tem sido alimentado pelas representações por meio de veículos disseminadores. Cientes

desse processo, pretendemos, a seguir, saber como o bibliotecário vem povoando o imaginário social, de forma a em seguida explorar sua representação pelo cinema.

## 2.2 BIBLIOTECÁRIO: REPRESENTAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL

A imagem do bibliotecário, no imaginário e nas representações sociais, é construída, muitas vezes, centrada apenas no acúmulo e defesa de livros empoeirados, em seu orgulho como detentora da informação, tal qual Fonseca (2007, p.95) a descreve:

É a representação artística do bibliotecário tradicionalmente afundado entre livros, com lupas apropriadas ao exame de textos paleográficos, sem nenhum apreço pelos usuários. Por isso Rubens Borba de Moraes considerava perigosíssimas aquelas pessoas que desejam ser bibliotecárias somente porque, adorando livros, querem à força viver no meio deles.

Milanesi (1998) crê numa representação ainda mais problemática, tanto do bibliotecário no exercício da sua profissão, quanto do bibliotecário inserido na sociedade. Para ele, a biblioteconomia no Brasil é marcada por um tipo de profissional que costumeiramente se põe,

No balcão de atendimento, atrás do qual uma senhora tricota e cujo olhar atrás do tricô parece pedir ao consulente que, por precaução, não se aproxime [...] Veja ali no catálogo (Apesar de ser feita a indicação com o queixo, há um catálogo e isso ajuda.) o estudante vai procurar nas velhas fichas puídas e sujas o nome do músico. Parece que não está em ordem alfabética. Como é que acha? (MILANESI, 1998, p11)

Analisando criticamente tal postura, Milanesi reafirma, nos idos de 1998, que a ineficiência do bibliotecário, tanto no quesito de recuperação da informação, quanto na referência, no atendimento às necessidades do usuário, constituía-se, no Brasil, em um modelo frequente de profissional encontrado em suas bibliotecas.

Um ponto importante levantado também por Milanesi (1998), ampliando a sua análise sobre o profissional bibliotecário, é que no Brasil, um país endemicamente analfabeto, onde a figura do bibliotecário está aliada à figura do intelectual. Historicamente, o país demorou para estabelecer uma política de alfabetização e

ainda mais o estabelecimento de bibliotecas, disponibilizando acesso a livros apenas para uma pequena parte da população. Isto pode ter contribuído para a construção da representação do leitor e, por conseguinte, do bibliotecário, como alguém participante de uma elite. E mesmo após 20 anos da publicação do livro de Milanesi, esta representação parece ainda povoar o imaginário da sociedade. Fonseca (2007, p.94) também toca neste assunto quando escreve:

Infelizmente a hipertrofia dos processos técnicos fez dos bibliotecários contemporâneos uma nova espécie de mandarins, tão empenhados na discussão de filigranas catalográficas que nem se lembram do nobre objetivo da profissão, admiravelmente definido no preceito *servus servorum scientiae*.

Pode-se pensar que a representação do bibliotecário como guardião da informação vem desde o período medieval, quando, especialmente nos mosteiros feudais, os livros eram considerados como bens preciosos e sobre os quais a população não tinha direito de acesso. Essa realidade, de acordo com Milanesi (2004), só começou a ser dissipada com a evolução dos suportes, ou seja, com o uso do papel e a invenção da imprensa, fatores que viabilizaram o acesso e disseminação da informação através dos livros impressos, devendo-se a Gutemberg essa revolução.

Milanesi também descreve o salto onde a atividade da imprensa e a constante evolução e refinamento do papel destruíram o monopólio religioso do conhecimento e não só expandiram como mudaram todo o conceito e estrutura das bibliotecas, que passaram de salas fechadas com tomos acorrentados a grandes prédios com salas arejadas, onde livros eram organizados por assunto, não apenas por língua. Conforme os métodos de impressão eram aprimorados, as bibliotecas eram obrigadas a adaptar-se às novas demandas organizacionais, com profissionais da área desenvolvendo métodos como a seleção documentária, as primeiras bibliografias do mundo moderno e resenhas para a melhor seleção de material. Mas, conforme conhecimentos científicos eram desenvolvidos e áreas de pesquisa eram expandidas, a necessidade de imprimir e distribuir material chegou a um nível no qual as tecnologias de impressão da época não eram capazes de acompanhar, levando à introdução das publicações periódicas.

O desenvolvimento da Biblioteconomia, ainda segundo Milanesi (2004), conseguiu progredir de forma significativa após a melhoria e invenção de novos meios de transporte, como o trem ou navios transcontinentais, que levavam livros, e documentos através de grandes distâncias, possibilitando replicação e reprodução de material. Navios conseguiam transportar grandes quantidades de livros e materiais para impressão através de oceanos, trens viajavam por grandes distâncias em terra e, mais tarde, o desenvolvimento do avião possibilitou ainda mais flexibilidade e velocidade.

O telégrafo, e mais tarde o rádio, possibilitaram a disseminação de informação de forma ainda mais rápida, mas limitada a sons por pequenas distâncias, apenas se desenvolvendo após a Primeira Guerra com o advento de novas tecnologias. A televisão trouxe as imagens para os meios de comunicação, as torres de rádio e satélites expandiram seu alcance por todo o globo e, nos tempos atuais, a *internet*, constituiu a maior e mais veloz rede de informação já vista, a um ponto onde se é capaz de ler um livro escrito em qualquer país quase que imediatamente após seu lançamento virtual.

E a cada etapa desse desenvolvimento os bibliotecários desenvolviam novas metodologias de organização de informação e de espaço, a exemplo das fichas catalográficas, os instrumentos de busca, evoluindo para bibliotecas com acervos completamente virtuais, navegadores e linguagens específicas de catalogação para bibliotecas digitais. Pode-se considerar que o bibliotecário esteve sempre ao lado dos meios de informação, mas é interessante abordar sobre como o bibliotecário é visto pela sociedade. Neste quesito, Walter e Baptista fizeram uma pesquisa, utilizando-se de representações de imagens encontradas na internet, na literatura, em brinquedos que retratavam esse profissional. A partir daí, afirmam que

É muito interessante como o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 30)

Ou seja, representação do bibliotecário relacionava-se com aquela que atendia ao usuário atrás do balcão ou mesmo aquela que coletava os livros para repô-los nas estantes, pensamento distanciado do papel de gerenciamento da informação e da biblioteca. Como resultado da pesquisa, Walter e Baptista (2007) esclarecem que o estereótipo do bibliotecário é ainda associado a uma profissão exercida especificamente por mulheres, que é uma profissão não competitiva, que “não exige esforço intelectual” e que o comportamento ordeiro está ligado à prática cultural dos afazeres domésticos. Todos esses pontos ainda podem ser teoricamente correlacionados com fatores de poder, conhecimento e medo.

A associação da imagem das mulheres bibliotecárias pode ser mais que simplesmente a manutenção de estereótipo e pode estar ligada a outros fatores como poder, conhecimento e medo. Poder, no sentido do domínio da coleção, conhecimento porque essas profissionais dominariam o ambiente biblioteca, onde se coleciona conhecimento, e medo do indivíduo que busca informação de parecer pouco inteligente diante desses profissionais. (RADFORD; RADFORD, 1997 apud WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 94)

Não é de surpreender, quando se considera todos esses pontos, que a imagem do bibliotecário pelo público tenha se desenvolvido na forma de um profissional antagônico, atrasado tecnologicamente, restritivo quanto ao acesso à biblioteca, isolado em seu posto. É interessante salientar a dualidade entre as representações onde há o estereótipo do intelectual arrogante apontado por Milanese (2004) contrastando com uma suposta não exigência de esforço intelectual, conforme apontado por Walter e Baptista (2007), embora não haja uma resposta fácil para sua existência. Compreender as origens de tal representação não significa necessariamente concordar com elas, muito pelo contrário. E se a missão do bibliotecário contemporâneo não só está restrita à sua biblioteca, mas se estende para a comunidade ao seu redor, clarificando dúvidas de usuários e desmistificando *fake news*, também é necessário desconstruir esse estereótipo

Mas, como os bibliotecários se representam? Edson Nery da Fonseca (2007), bibliotecário com elevado conceito na história da Biblioteconomia no Brasil, discorre amplamente sobre o papel do bibliotecário, na sua obra *Introdução à*

*Biblioteconomia*, publicada originalmente em 1992, com a segunda edição sendo lançada em 2007 pela Editora Briquet de Lemos/Livros. O livro não trata só da Biblioteconomia como uma profissão e ciência, mas do bibliotecário e seu papel, do livro e do leitor.

Para Fonseca (2007, p. 97), a profissão de bibliotecário é marcada por uma disputa entre a tecnicidade e o amor, não só para com os livros, mas também para com o usuário, promovendo a leitura, agindo como um ‘filtro’ perante as ‘torrentes de livros’ e acrescenta que: “A formação do bibliotecário esteve sempre polarizada entre a erudição e a técnica”. Sua técnica estaria fundamentada nas regras da biblioteca e na metodologia de trabalho, enquanto sua erudição englobaria não só conhecer a biblioteca e seu conteúdo, mas seus usuários, para melhor guiá-los.

Vários foram os autores que se debruçaram no sentido de definir o papel do bibliotecário, mas, na perspectiva de Richard Rubin (2004), um profissional da Biblioteconomia deve ser útil ética e socialmente, tendo em mente a sobrevivência da biblioteca, desenvolvendo um senso de responsabilidade social e respeito ao indivíduo.

Para o autor, de um bibliotecário se requer a consciência de que a biblioteca, como entidade, tem o objetivo de ajudar a sociedade que, do ponto de vista de Milanesi (1998, p. 14), tem como implicação que “Cada biblioteca serve a um determinado público. Quanto mais heterogêneo for esse público, mais diversificado deverá ser o acervo – como é o caso da biblioteca pública”.

Na perspectiva de Rubin (2004), cada decisão de um bibliotecário, seja ao escolher uma determinada coleção, dar início à uma determinada política, obedecer ou não às normas impostas pela organização da qual a biblioteca faz parte, pode conflitar com a sobrevivência da biblioteca como um todo. Por exemplo, caso um governo autoritário demande a remoção e censura de determinadas obras, o bibliotecário se encontrará entre obedecer às ordens e violar seu código de ética, ou negar as demandas e sofrer represálias, como o corte de recursos.

Esses e outros aspectos constroem uma demanda ética permanente que coloca em cheque a estrutura e a sobrevivência da organização e, no centro, está o bibliotecário, continuamente se reavaliando, revitalizando e atualizando como

profissional e como conhecedor da estrutura na qual está inserido, no contexto social onde deve participar como protagonista.

O bibliotecário passou a ser não mais ‘guardador’ e ‘preparador’ técnico de livros, mas uma peça-chave numa máquina complexa de transmissão de informação que não era apenas localizada num livro, mas sim em documentos com suportes, formatos, conteúdos e tipificações diversas.

Maria Tereza Walter (2004) escreve sobre o desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil, a partir de outro ângulo: sua atuação depois da eminência da Ciência da Informação, área que passou a englobar a Biblioteconomia, a Museologia e a Arquivologia. Tal feito, no entanto, não afastou a Biblioteconomia de suas bases sólidas, centradas inclusive na Lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998, ainda vigente, que protege sua atividade e identidade profissional. Na perspectiva de Walter (2004, p. 292),

Essas questões interferem diretamente nas zonas de conforto dos profissionais que antes detinham esses “territórios”, confirmando-se a tendência de que cada vez mais as identidades segmentadas e múltiplas num único sujeito, nas várias situações de sua vida, o habilitam a integrar diferentes grupos. Ainda os avanços nas áreas tecnológicas levaram a intensas mudanças em todos os aspectos da sociedade e das identidades

Ainda segundo Walter, tais fatos levaram a Biblioteconomia a absorver mais fácil e intensamente as novas propostas e teorias da CI, em conjunto com as mudanças acadêmicas e tecnológicas, redimensionando seus limites, se contestando e redefinindo. A Biblioteconomia parece ter reconhecido a necessidade de evolução constante para sua sobrevivência e luta por estabilidade, a um ponto em que o núcleo da profissão, “[...] que é de organizar, tratar e mediar a informação permanece, ampliada, todavia, para outras funções igualmente importantes como *marketing*, editoração, pesquisa, ensino” (WALTER, 2004, p. 294), não sofreu modificações.

Uma das reflexões trazidas pela reavaliação da Biblioteconomia foi a do papel do bibliotecário como agente cultural, aquele que sai da biblioteca para agir e formar vínculos com a comunidade que o cerca, indo em busca do leitor para além dos muros da instituição. Carlos Alberto Ávila Araújo (2017) traz reflexões sobre um perfil

de bibliotecário que, após o século XX e especialmente no Brasil, construiu-se em uma figura que desenvolve ações culturais, seja através do contato com comunidades excluídas (com carros-biblioteca, extensão bibliotecária, serviços de caixa estante, etc), como também um extensor e ampliador das ações culturais dessas mesmas comunidades.

É justamente aí que se insere o trabalho do bibliotecário, da biblioteca como instrumento de ação cultural. [...] uma proposta de ação profissional para o bibliotecário não como agente da domesticação, numa ação manipuladora, normativa, buscando a interiorização de certos valores, mas sim como agente da emergência cultural, numa prática libertadora, transgressora, proporcionando o surgimento da criação e da invenção (ARAÚJO, 2017, p.71)

Ainda pelas reflexões de Araújo (2017), se o bibliotecário tem como parte de sua qualificação a busca por referências, num cenário informatizado onde a internet possibilita o alcance de busca jamais visto pela maior parte dos usuários, agora ele tem a possibilidade de oferecer 'ilhas' de informação atualizada e de qualidade. Tal mudança possibilita que as técnicas para buscar uma referência específica, que são um recurso de grande valia no combate a informações tendenciosas espalhadas rapidamente por meios de comunicação em massa, sejam aprendidas e percebidas por esse profissional em benefício de seus usuários. Araújo (2017, p.77) afirma que,

Diante dos desafios colocados pelo amplo acesso à informação, pelas características das tecnologias digitais, da internet e dos processos automatizados de recuperação da informação, bem como das novas possibilidades de atuação informacional dos sujeitos, bibliotecas mostram-se necessárias. Desenha-se um amplo novo campo de atuação, comprometido com valores tradicionalmente defendidos pelas bibliotecas: seu caráter público, a busca pela inclusão, pela universalidade, pela pluralidade, pela ética, pela herança cultural, pela educação e pela paz.

Já o Conselho Federal de Biblioteconomia em sua Resolução nº 207/2018 (2018, p.1) no artigo nº2 estabelece que:

A profissão de Bibliotecário tem natureza sociocultural e suas principais características são a prestação de serviços de informação à sociedade e a garantia de acesso indiscriminado aos mesmos, livre de quaisquer embargos.

De acordo com essa Resolução, a atuação do bibliotecário guia-se pelo perfil, missão e objetivos da instituição onde sua biblioteca está instalada. Ou seja, se uma determinada biblioteca tem como missão o atendimento a um grupo específico de pesquisadores de uma determinada área, deve ser de interesse do bibliotecário pesquisar essa determinada área em prol da instituição e usuários. O artigo nº4 da mesma resolução indica que seu objeto de trabalho é a informação, “[...] o conhecimento estruturado sob as formas escrita, oral, gestual, audiovisual e digital, por meio da articulação de linguagens natural e/ou artificial”, objeto encontrado no acervo das bibliotecas nas quais ele presta serviço, levando em consideração as necessidades e deveres para com a instituição a qual serve e para com seus usuários.

Tudo isto através de uma atuação proba e zelosa, cuidando de seu acervo, observando os ditames científicos, mantendo uma boa relação profissional com seus colegas, seus usuários, ajudando-os da melhor forma possível em suas buscas por informação. Vale ressaltar que ainda recai sobre a figura do bibliotecário, da sua categoria, o agir de forma ética, cooperando para o progresso da profissão seja através da manutenção de sua imagem para com a sociedade ou com o trabalho de pesquisa por parte de seus pares, combatendo o seu exercício ilegal, respeitando a propriedade intelectual alheia.

Pode-se concluir também que é vital para o bibliotecário o conhecimento e a constante atualização, não só da situação social em que a biblioteca se encontra, mas também das tecnologias e correntes teóricas no qual a profissão está inserida. Ou seja, é uma profissão onde não se pode ficar ‘parado no tempo’. O perfil de um bibliotecário contemporâneo ideal, considerando as informações levantadas, poderia ser pensado como um profissional que não só tenha uma atitude proba e zelosa para com sua biblioteca, instituição e seus colegas, mas também seja prestativo para com seu usuário, atendendo suas demandas, ajudando-o a sanar dúvidas e evitar informações tendenciosas e/ou falsas, também construindo uma relação com a comunidade onde vive e trabalha. Mas também espera que o profissional bibliotecário esteja em constante atualização, para com as tecnologias informacionais e as pesquisas de sua área de atuação.

Por fim, Priscila Jacobsen (2010, p. 26) resume a questão de forma simples e apropriada: “A identidade profissional da Biblioteconomia baseia-se, fundamentalmente, no seu espaço de atuação e no seu objeto de trabalho: a informação e a forma de mediação, organização e tratamento da mesma.”

### 2.3 DIANTE DO ESPELHO: OS BIBLIOTECÁRIOS SE RECONHECEM?

Em seu trabalho de 2009, Alda Silva estudou a autoimagem dos bibliotecários da cidade de Salvador. Para tanto, considerou bibliotecas universitárias e escolares de instituições públicas e particulares. A população se constituiu de 120 bibliotecários de 26 instituições. Foi usado um questionário de cinco seções, perfazendo um total de 30 questões, que permearam a formação profissional do bibliotecário, a educação continuada, a atuação e apercepção sobre a imagem do bibliotecário. Segundo a autora,

Verificou-se que dos 120 bibliotecários participantes da amostra, 112 são do sexo feminino (94,0%) enquanto apenas 8 (6,0%) deles são do sexo masculino. Esse dado corrobora a abordagem da categoria de gênero para estudo dos bibliotecários, ainda que, nas últimas décadas a afluência de homens nos cursos de Biblioteconomia tenha aumentado. (SILVA, 2009, p. 48)

A faixa etária do grupo mostrou-se equilibrada, embora maior parte (70,6 %) dos respondentes apresentassem idade que variou entre 36 e 57 anos. Segundo Silva, este dado sugere que bibliotecários mais novos estejam em outros segmentos do mercado de trabalho ou tentando ingressar nele.

A maioria (59,2 %) considerou sua a formação acadêmica relativamente satisfatória (com as opções sendo satisfatória, não satisfatória e relativamente satisfatória), embora 57,1% apontem que os recursos de ensino são precários (e os professores despreparados (25%), o que sugere descontentamento com a formação. A maioria (67%) considera que fatores de favorecimento da formação acadêmica são aulas teóricas e estágios extracurriculares (91,7%). Foi apontado pelo grupo de pesquisa que os estágios oferecidos buscavam uma mão de obra mais barata em

detrimento da contratação de pessoal especializado, o que resultava em alocação de estudantes em bibliotecas onde não havia profissionais para orientá-los.

Em contrapartida, encontrou-se, dentre os entrevistados que possuíam qualificação em outras áreas, a necessidade de mover-se para a Biblioteconomia devido à crença de que seria mais fácil conseguir emprego.

Quanto ao nível de especialização, a grande maioria do grupo já havia concluído o curso (46 – 79,3%), enquanto que os concluintes de cursos de atualização e aperfeiçoamento foram (45 – 83,3%). Dos integrantes do grupo que buscou aperfeiçoamento ou cursos de mestrado, a maioria buscou atualização ou instrução nas áreas de Informática, Biblioteconomia e assuntos relacionados. Dos que foram para uma especialização, grande parte ingressou em cursos Administração, Comunicação ou áreas relacionadas. Quando perguntados sobre os motivos que os levaram para tais vias acadêmicas, a maior parte dos entrevistados revelou que desejava ampliar seus conhecimentos, com a minoria relatando interesse numa melhor e maior inserção no mercado de trabalho. Ao serem indagados sobre as novas tecnologias e informática, a maioria dos entrevistados relatou que as tecnologias informacionais são importantes para o papel e funcionamento das bibliotecas.

O que levou a autora a concluir que

Esse caleidoscópio de temas, cursos e visões diferenciadas parece sinalizar o esforço do profissional bibliotecário em relacionar seus conhecimentos especializados aos de outros campos afins, perseguindo o seu aperfeiçoamento se preparando para a interlocução interdisciplinar. Essa postura se coaduna com a própria característica interdisciplinar da Ciência da Informação, área do conhecimento a qual os bibliotecários estão vinculados em sua atuação, como também na busca da titulação em nível de mestrado. (SILVA, 2009, p. 57)

Sobre a seus locais de trabalho, a maior parte do grupo considerou seus locais de trabalho como inadequados: barulho, iluminação, mobiliário, temperatura e limpeza foram as principais queixas, ou seja, os aspectos básicos do funcionamento de uma biblioteca encontraram-se deficientes. O grupo também apontou que esses problemas afetavam o desempenho profissional e a saúde.

No que diz respeito à imagem do bibliotecário, a maioria do grupo (62,9%) afirmou “que a sociedade não compreende o papel acerca do bibliotecário” (SILVA, 2009, p. 70), em conjunto com uma expressão unânime de que a imagem estereotipada do profissional é o que se destaca na sociedade, com seu trabalho acabando despercebido. Ao final, a autora narra:

Na realização do grupo focal idéias divergentes sobre a imagem do bibliotecário foram compartilhadas. Uma das participantes ponderou que a imagem é de um profissional sisudo, apático e pedindo silêncio, muito associado ainda ao estereótipo do bibliotecário. Essa imagem foi imediatamente contestada, pois, o contato que teve com bibliotecas bem como, com familiares que exerciam a profissão, possibilitou a percepção do bibliotecário como um profissional dinâmico e atuante, influenciando o seu ingresso na carreira de Biblioteconomia. A terceira participante se manifestou, dizendo que a imagem identificada com o estereótipo era percebida, por ela anteriormente, hoje acredita que a imagem mudou. (SILVA, p.73)

As respostas denotam que os bibliotecários entrevistados têm para si a identidade de um profissional assertivo, cujo principal aspecto é a de gestor da informação, agindo de forma flexível e a sociedade espera que atendam aos usuários. Os profissionais buscam constantemente se renovar e manter-se atualizados quanto à maioria dos aspectos de sua profissão, sejam tecnológicos ou sociais e gerenciais. Suas maiores reclamações provêm da qualidade dos locais de trabalho e do despreparo dos professores para ensiná-los sobre os cânones e as bases teóricas da profissão, acabando por utilizar a experiência empírica dos estágios, em detrimento da reflexão teórica.

E por detrás de todos os esforços de qualificação e atualização do profissional, está a figura estereotipada da rude bibliotecária idosa de óculos como fundo de garrafa, representada em diversos filmes e livros. Os bibliotecários entrevistados por Silva (2009) confirmaram que esta imagem permeia a impressão que a sociedade tem dos profissionais, obscurecendo toda a gama de atividades da profissão e sua pluralidade de habilidades requeridas.

### 3 CINEMA, HISTÓRIA E MEMÓRIA

A necessidade de representar, expor e transmitir, bases que construiriam o cinema, é quase tão antiga quanto a humanidade. Sá (2018, p.93) narra que:

[...] desde sempre, o homem criou e desenvolveu formas de se comunicar buscando estabelecer, com o outro, relações sociais e, sobretudo, dar visibilidade ao pensar e sentir por meio de representações, cujo propósito era repassar o conhecimento que ia adquirindo sobre si e sobre a realidade que o cercava. Vale ressaltar que a impossibilidade do homem de abarcar e entender o mundo, a própria produção de conhecimento, o tem levado à busca de formas de interpretação e representação desse mundo, uma ânsia ontológica pela permanência do ser e das coisas, pelo seu entendimento, que vem de tempos imemoriais. Desde as cavernas, desde Aristóteles que, diante da existência de todos os tipos de entidades abstratas ou concretas, bens, coisas, ente, constituintes da existência do mundo, ele criou categorias que buscavam classificá-las, levando em conta as diferentes propriedades das espécies do mesmo gênero.

Herzog (2010) em seu documentário *A caverna dos sonhos esquecidos* demonstra que na caverna de Lascaux, na França, cerca de 30 mil anos atrás, os seres humanos já projetavam suas sombras, usando fogueiras e representavam suas vidas diárias, seus temores e suas crenças pintando-as nas paredes. Conforme Shera (1972) e Rubin (2004), o desenvolvimento da sociedade incluiu o desenvolvimento das formas de representação, das paredes pintadas com sangue, terra, cinzas e carvão para todo um alfabeto que conseguia exprimir e representar ideias mais complexas, culminando nos registros linguísticos. Os primeiros registros linguísticos organizados e encontrados advêm de uma escrita cuneiforme em uma biblioteca suméria, na Mesopotâmia datada há mais de 3 mil anos, enquanto outros registros advêm da Babilônia e da Assíria, datados com cerca de 2 mil anos antes de Cristo. Como se pode ver, a necessidade de registrar e representar os feitos da humanidade, a representação da realidade, não começou com a escrita, ela é bem mais antiga.

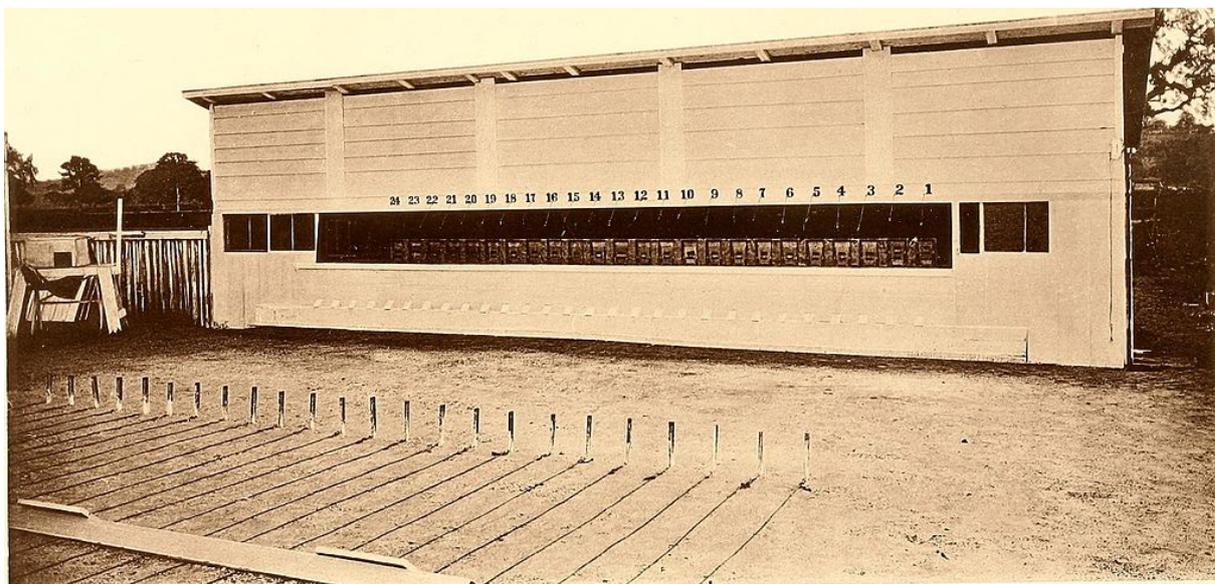
Enquanto os reinos mesopotâmicos desenvolviam a escrita cuneiforme, os egípcios desenvolviam, em paralelo, a escrita com pictogramas, onde conceitos

complexos eram representados por meio de desenhos de forma padronizada, podendo ser encontrados nas primeiras bibliotecas egípcias, de aproximadamente 2400 anos antes de Cristo. As representações eram estáticas até aquele período, conforme Janson e Janson (1996), iniciadas no paleolítico com figuras pintadas nas paredes das cavernas com tocos de madeira, ou esculpidas em pedra, osso ou madeira. Cores eram descobertas conforme os seres humanos criavam métodos de extraí-las de flores, frutos e outras fontes, enquanto novas ferramentas possibilitavam esculturas mais elaboradas e fidedignas. Peles de cordeiro esticadas e secas deram origem aos primeiros quadros, e o papiro inventado pelos egípcios possibilitou uma nova realidade e novas técnicas para representar, pois a imagem fixada em um material podia ser levada, móvel. Pincéis desenvolvidos na Idade Média se uniam às técnicas antigas de afrescos, levando a grandes obras de arte, como a Capela Sistina, até que a maior invenção de captura e expressão da realidade estática, a fotografia, veio para mudar tudo o que se conhecia sobre arte.

Mas isto não bastava, como disse Rosenfeld (2013, p. 52): “Reproduzir o movimento pela imagem é uma das aspirações mais antigas da humanidade”. Rosenfeld descreve a lenta evolução da representação dos movimentos e histórias através do tempo, com os teatros de sombras encontrados tanto na Índia, como na China e Indonésia que rapidamente se espalharam pela Europa, com combinações de luzes e marionetes. A arte de projetar conseguiu seu desenvolvimento através da invenção da Câmera Escura por Baptista della Porta, uma caixa escura e fechada, com uma pequena abertura e uma lente pela qual a luz penetra, sendo exteriorizada em uma tela a uma certa distância. A tecnologia trazida pela lanterna mágica, capaz de reproduzir numa tela desenhos ou pinturas executadas em uma chapa transparente foi uma das bases para a técnica cinematográfica; mas ela ainda apresentava diversas limitações, por exemplo, ainda não tinha a capacidade para figuras em movimento, como as do já citados teatros de sombras chineses ou os árabes com “experiências de um ‘pião mágico’ de cores variadas, com o fito de se verificar o espaço de tempo durante o qual as imagens persistem no ‘fundo do olho’” e do taumatrópio, um brinquedo de ilusão de ótica onde um disco pintado e colocado em uma vareta girava de forma veloz, criando uma imagem em movimento. Essas tecnologias de reprodução de sombras e projeção de imagens culminaram na

invenção do cinema, quando Leland Stanford, dono de cavalos de corridas, fez uma aposta a Eadweard Muybridge em 1872.

**FIGURA 1** – Sistema de câmeras usada por Eadweard Muybridge

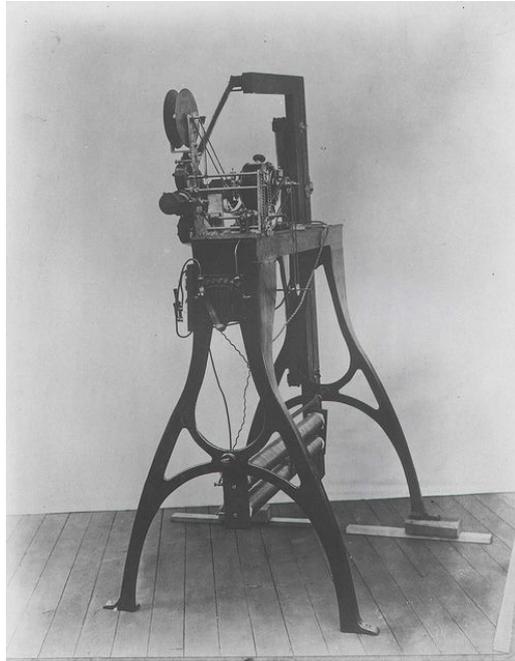


Fonte: Sistema de Busca de Imagens Duckduckgo (<https://duckduckgo.com/>)<sup>2</sup>

Tal aposta, narrada por Bazin (2001), resumia-se a saber se um cavalo levantava as quatro patas no meio de seu trote. A solução para a aposta veio em 1878 com o desenvolvimento, por Muybridge, de uma tecnologia nova: 12 câmeras fotográficas alinhadas disparando em sequência um cavalo que passava. Essa tecnologia de fotos sequenciais foi unida à tecnologia de imagens em movimento do taumatrópio e ao jogo de luzes e sombras, gerando a forma inicial do cinema. Apenas um projetor com um filme em preto-e-branco, sem som, numa sala escura ou durante a noite, projetando uma história numa tela ou parede branca. Diversos pioneiros fizeram logo suas versões de projetores cinematográficos com adições próprias, mas, para propósito de desenvolvimento do trabalho, serão focados e considerados como de importante distinção os Irmãos Lumière e Thomas Edison.

<sup>2</sup> O motor de busca para sites foi utilizado inicialmente para a apresentação presencial do trabalho. Por conta da extinção dos sites específicos onde as ilustrações foram encontradas, apenas o motor de busca foi referenciado.

**FIGURA 2** – Vitascópio inventado por Thomas Edison



Fonte: Sistema de Busca de Imagens Duckduckgo (<https://duckduckgo.com/>)

A vida dos Irmãos Lumière e sua contribuição à criação do cinema como conhecemos hoje, foi definida por sua engenhosidade e criatividade. Filhos de um dono de fábrica de placas de fotografia à beira da falência, salvaram a empresa do pai através da invenção de métodos diferentes de fabricação de suas placas fotossensíveis para fotografia, tornando a empresa uma das maiores do ramo em toda Europa. Quando investiram no cinema, já tinham experiência em negócios, engenharia e marketing, e facilmente adaptaram os modelos de projetores cinematográficos disponíveis. Transformaram o enorme modelo de projetor conhecido, o vitascópio (inventado pela equipe de técnicos de Edison, o projetor pesava meia tonelada e precisava de uma alimentação constante de eletricidade) em algo simples, leve, portátil e que podia ser utilizado sem conexão com uma rede elétrica, apenas girando uma manivela, capaz de não só projetar os filmes, como também de gravá-los.

Parte do sucesso do cinematógrafo deve-se ao seu *design*, muito mais leve e funcional. Em 1894, os Lumière construíram o aparelho, que usava filme de 35 mm. Um mecanismo de alimentação intermitente, baseado nas máquinas de costura, captava as imagens

numa velocidade de 16 quadros por segundo [...] (COSTA, 2006, p. 16)

Conhecendo bem métodos de marketing, os irmãos Lumière fizeram uma demonstração de sua invenção em um evento público e pago, no Grand Café em Paris. Nesse evento, os irmãos Lumière apresentaram cenas filmadas do cotidiano, como um trem chegando na estação, dois bebês brigando por um lanche, com a intenção de encantar a sociedade, o que logo gerou um negócio lateral lucrativo vendendo os projetores, rolos de filmes e 'exemplos' de filmes.

**FIGURA 3** – Cinematógrafo inventado pelos irmãos Lumière



Fonte: Sistema de Busca de Imagens Duckduckgo (<https://duckduckgo.com/>)

Em contrapartida, Thomas Edison, que trabalhava com uma equipe de técnicos em New Jersey, patenteou em 1891 o quinetógrafo e o quinetoscópio.

O quinetoscópio possuía um visor individual através do qual se podia assistir, mediante a inserção de uma moeda, à exibição de uma pequena tira de filme em looping, na qual apareciam imagens em movimento de números cômicos, animais amestrados e bailarinas. O quinetógrafo era a câmera que fazia esses filmetes. O primeiro salão de quinetoscópios, com dez máquinas, cada uma delas mostrando um filme diferente, iniciou suas atividades em abril de 1894 em Nova York. (COSTA, 2006, p. 18)

Mas as vias do desenvolvimento do cinema continuaram independente dos Irmãos Lumière e Thomas Edison. Os irmãos venderam sua patente para a

companhia Pathé, em 1902, e, segundo Costa (2006), Thomas Edison preferiu vender também a patente do quinetógrafo. Para Rosenfeld (2013), esse desinteresse pela comercialização despertou o interesse pela nova invenção, por parte de comerciantes que previam que ela se transformaria em um entretenimento de massa devido à sua facilidade e portabilidade em comparação com seu único competidor, o teatro, e que, assim, tal invenção rapidamente se alastraria pelas camadas pobres e pela burguesia ascendente, a mesma burguesia que, anteriormente, dispunha da fotografia como um meio de representação da realidade e de si mesma, como declara o autor:

Ávida de prestígio e de auto-representação, desejosa de manifestar a sua importância recém-conquistada, necessitava com urgência de um instrumento barato para documentar, por meio do retrato, a sua sólida posição na hierarquia social e dignidade do 'Terceiro Estado'. Não podendo recorrer a grandes pintores, como a aristocracia, devido aos seus recursos inicialmente limitados e à aversão de dissipar dinheiro para obras de arte, recorria à silhueta, ao medalhão e à técnica do *fisionotrace* – mecanismo que reproduzia o perfil – para roubar à aristocracia o privilégio do retrato. [...] (ROSENFELD, 2013, p.63-67)

Unindo o desejo, o apoio financeiro de uma burguesia ascendente e a necessidade de uma gama da população de uma fonte de entretenimento barata e capaz, o cinema facilmente desbancou o quinetógrafo de Edison.

[...] O cinema, por sua vez, não teria eventualmente ultrapassado o estágio de mera curiosidade e de instrumento científico para reproduzir o movimento se sua invenção não tivesse coincidido com o desenvolvimento de um grande proletariado demasiadamente pobre para frequentar o teatro e os espetáculos não-mecanizados. [...] Sob o prisma econômico e social o cinema é filho do capitalismo: foi este que ofereceu as condições para garantir o desenvolvimento cinematográfico nos seus aspectos materiais e, conseqüentemente, também artístico; mas o mesmo sistema que tornou possível o filme como arte, impôs-lhe, simultaneamente, seus métodos de produção; e ao fabricá-lo apenas como mercadoria ou valor de troca, ameaça estrangular uma arte por ele mesmo criada. (ROSENFELD, 2013, p.63-67)

O cinema requisitava apenas o treino no uso do projetor e podia ser levado a áreas distantes, sem pagar uma trupe de atores, decorar textos ou praticar entonações. E, ainda segundo Rosenfeld (2013), com sua concepção estabilizada e

sua distribuição alcançando status global<sup>3</sup>, a infância do cinema foi completamente focada no desenvolvimento de formas melhores de representar a realidade. Técnicas filmográficas foram criadas para dar a impressão de profundidade similar à vida real, ângulos foram explorados para disparar reações específicas dos espectadores e novas tecnologias foram desenvolvidas para dar som e cores aos filmes, como Aumont (2002) exemplifica:

Observemos a esse respeito as interpretações dadas com frequência aos movimentos de câmera: a panorâmica seria o equivalente do olho que gira na órbita, o *travelling*, de um deslocamento do olhar; quanto ao *zoam*, dificilmente interpretável em termos de simples posição do suposto sujeito do olhar às vezes tentou-se lê-lo como "focalização" da atenção de um personagem (AUMONT, 2002, p.43).

Todos esses avanços tiveram como propósito a representação mais próxima possível de uma história idealizada. Christian Metz (1972) discorre sobre como os pioneiros da cinematografia não estavam interessados em simbologia, filosofia ou a humanidade de seus filmes, estavam meramente interessados em contar histórias. Até que a tecnologia de produção de filmes chegasse a um patamar que permitisse a exploração de temáticas e histórias completamente fictícias e surrealistas, foi percorrido um longo caminho.

### 3.1 EM BUSCA DA REPRESENTAÇÃO DO MUNDO

Todo o desenvolvimento do cinema, toda a longa caminhada em busca de técnicas e recursos tecnológicos, tinham e têm como objetivo, representar a realidade. Se em toda representação em si a informação é encontrada, se o cinema e todo o seu avanço técnico e tecnológico visava e visa à representação do mundo, como essa representação o afeta? Conforme a habilidade e precisão com que o cinema retrata a realidade, a identificação do expectador com o que é projetado se intensifica, o que lhe possibilita absorver e apreender novas realidades e ideias, como diria Edgar Morin:

---

<sup>3</sup>Segundo Rosenfeld (2019) a disseminação do Cinema pelo mundo foi extremamente rápida, em poucos anos se espalhando pelas Américas, Europa e Ásia.

Na identificação, o sujeito, em vez de se projectar no mundo, absorve-o [...]. Na medida em que identificamos as imagens do écran com a vida real, pomos nossas projecções-identificações referentes à vida real em movimento (MORIN, 1970, p.106).

Tal ponto de vista também é usado por Marcos Napolitano (2008) que considera o cinema como detentor de um *status* “objetivista” e “subjetivista”, tanto como documento histórico e técnico, quanto estético, capaz de criar uma realidade própria dentro de seus filmes, daí tirando força para afetar a realidade social. Seu *status* como detentor de subjetividade e objetividade, de conotativo e denotativo, mobilidade visual e estabilidade, lhe dá um carácter único entre todos os meios de comunicação, pois, enquanto uma foto só pode demonstrar um único momento a partir de um único ângulo, enquanto uma frase escrita tem uma limitada quantidade de interpretações a depender de sua estrutura, basta apenas que se mude a iluminação de uma cena de um filme para que tudo ao seu respeito mude. Tudo, segundo Napolitano, em uma cena de cinema, detém significado e intenção, sob o controle do diretor.

Por ter origens no entretenimento e evoluído conforme as práticas do capital, segundo Marc Ferro (1977, p. 79), o cinema, assim como a fotografia, foi ao longo do tempo descartado como uma fonte de informação. Para ele,

No que diz respeito ao filme e outras fontes não escritas, creio que não se trata nem da incapacidade nem de retardamento, mas sim de uma recusa em enxergar, uma recusa inconsciente, que procede de causas mais complexas. Fazer o exame de quais ‘monumentos do passado’ o historiador transformou em documentos e depois, hoje, que ‘documentos a história transforma em monumentos’, levaria a uma primeira forma de compreender e ver por que o filme não aparece.

Tal visão é comungada por Ferro (1977), na qual o filme não aparece como documento, o que coincide com o pensamento de Napolitano (2005) que expunha o cinema como uma fonte de informação não propriamente aceita e/ou analisada.

[...] as fontes audiovisuais de natureza assumidamente artística (filmes de ficção, teledramaturgia, canções e peças musicais) são percebidas muitas vezes sob o estigma da subjetividade absoluta,

impressões estéticas de fatos sociais objetivos que lhes são exteriores (NAPOLITANO, 2005, p. 236).

Sob o ponto de vista de Le Goff (1924), o cinema é uma grande fonte da informação, desde que se tenha em mente que o filme a ser visto é a concretização do ponto de vista de uma pessoa, com um determinado objetivo, seja ele entretenimento ou propaganda ou, ainda, um experimento de arte. Assim, entende-se que há muito a descobrir pelas lentes do cinema. Quem fez o filme? Qual o motivo pelo qual o filme foi feito? A estética, a indumentária, locais, época, todos esses são aspectos que oferecem informações importantes. Lembrando que, conforme visto anteriormente, após Otlet, os filmes podem ser considerados como documentos.

Isso condiz com o que Meyriat (1981) descreve sobre o conceito de informação, quando aborda questões sobre documentação. Para Meyriat, qualquer objeto pode ser considerado um documento para aqueles que desejam nele encontrar algo que satisfaça a sua necessidade de informação, o que independe da intenção do seu criador. Certos objetos podem ser criados com o intuito de servir como documentos, mas a possibilidade ou não de obter-se informações deles advindas depende daqueles que os analisam, da necessidade informacional de quem os busca.

Nesse sentido, vale a pena trazer o que Le Goff (1924, p. 548) diz sobre a relação estabelecida entre o historiador e o documento. Para ele,

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.

Se o documento para ele é “[...] o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziu”, fica evidente que

a sua manipulação o faz sair da neutralidade original pela escolha de um sujeito que nele vê informações constitutivas de uma história, fruto do olhar desse sujeito que as difunde e direciona, muitas vezes, para uma grande gama da população. Dentro dessa perspectiva, insere-se o cinema, como produtor de informação que atinge um grande público pela sua portabilidade e acessibilidade, funções as quais fazem desse acesso à informação veiculada, segundo a necessidade e capacidade cognitiva dos sujeitos.

Como fonte de informação e pesquisa para uma diversidade de áreas, é importante destacar seu uso pela Antropologia, bem claro no depoimento de France (1998) que discorre como a filmagem de rituais é importante para o estudo, observação e análise do comportamento de determinadas culturas, possibilitando ao pesquisador avaliar o mesmo ritual diversas vezes sob diversos ângulos,

[...] O filme etnográfico, quaisquer que sejam seus objetivos imediatos e aquilo que procura exprimir da sociedade que apresenta (valores, problemas, funções, estruturas, significações, etc.) é um documento precioso em que serão escrutados, com o maior interesse, os mínimos detalhes suscetíveis de restituir nem que seja apenas o ambiente de uma época ou de um grupo social. Uma descrição fílmica minuciosa dos fatos e gestos oferece então um suporte insubstituível à análise, independentemente do valor dramático do filme (FRANCE, 1998, p. 13).

Pode-se entender, pela citação acima, que o cinema se constitui efetivamente em uma fonte de informação por tornar possível registrar e rever repetidas vezes o objeto representado com objetivos diferentes, sejam eles a indumentária específica de determinados povos de determinada área do globo, um determinado ritual, uma determinada entonação.

Pelo fato do cinema ser considerado uma fonte de informação, torna-se pertinente voltar a Costa (2006) e aos irmãos Lumière, que atentam para o fato de que o cinema, desde seus primórdios, teve, não só o intuito de contar histórias elaboradas, mas de servir como uma forma de mostrar o mundo por meio de imagens, de minidocumentários, estilo preferido dos irmãos Lumière cuja convicção era que filmar fragmentos da realidade, locais exóticos ou culturas diferentes, possibilitaria ao homem uma aproximação de mundos, numa aspiração de que seu

invento serviria à ciência. Não é exagero considerar que, numa época onde a comunicação a longa distância era difícil, isso servia para que pessoas, em locais distantes do globo, aprendessem umas sobre as outras.

Marc Ferro (1977, p. 23) também chama a atenção para a importância do cinema como fonte documental, dando o exemplo de um filme sobre um campo soviético de trabalhos forçados, fato que tinha sua existência negada. Segundo Marc Ferro, este filme pode ser considerado como “[...] um documento fílmico [que] abriu um furo no sistema, bastante fechado, da informação tradicional”, considerando, assim, o cinema como uma fonte de informação na qual a história poderia ser reconstituída. A veracidade dos fatos representados no filme chegou ao ponto que até mesmo o Partido Comunista Francês rejeitou a tese soviética da falsidade e condenou quaisquer tipos de trabalhos forçados. Tal postura reforça a tese de Ferro, pela qual o cinema pode ser considerado uma fonte imprescindível para pesquisas históricas.

E, como diria Napolitano (2005, p.236)

Em outras palavras, é menos importante saber se tal ou qual filme foi fiel aos diálogos, à caracterização física dos personagens ou a reproduções de costumes e vestimentas de um determinado século. O mais importante é entender o porquê das adaptações, omissões, falsificações que são apresentadas num filme.

Podemos então pressupor e levando em conta Marc Ferro (1977), France (1998), Le Goff (1924) e, especialmente Meyriat, (1984), que o cinema é uma importante fonte de informação para diversas áreas do conhecimento e diferentes grupos sociais que a ele agregam valor, não só como entretenimento, mas como documento, de acordo com o interesse de um pesquisador ou de um sujeito que nele busca a informação desejada.

### 3.2 LEGENDAS E ENTRELINHAS: A AÇÃO MEDIADORA DO CINEMA NA DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Após a análise do cinema como fonte de informação, faz-se necessário analisá-lo como mediador e disseminador de informação; assim, diante de uma vasta bibliografia e de uma diversidade de estudos e de conceitos, foi considerado o conceito de mediação de Marco Antonio de Almeida (2008)

[...] uma construção teórica destinada a refletir sobre as práticas e os dispositivos que compõem os arranjos de sentidos e as formas comunicacionais e informacionais nas sociedades atuais, sem perder de vista os elos que, tanto os conteúdos, quanto os suportes e os acervos mantêm com a tradição cultural (ALMEIDA, 2008, p. 132).

Segundo Almeida (2014), a mediação engloba atividades diferenciadas, a depender de quem a utilize, desde o atendimento ao usuário, como agente cultural de uma instituição específica, à capacitação para acesso a tecnologias e outras atividades. Ou seja, envolve uma gama de informações passadas para um determinado público por meio de um dispositivo, dos mais variados suportes e das mais variadas formas de mediação, caminhos que desembocam num processo dialógico entre as partes.

Na perspectiva de Almeida e Nogueira (2013, p.132), esse processo é fruto “[...] das conexões que se estabelecem entre as ações sociais e os conteúdos simbólicos de uma dada sociedade ou grupo social. Um dos sentidos que geralmente se atribuem à ideia de mediação é o de servir de intermediário.” A mediação é mais que um conjunto de práticas, técnicas ou instrumentos, pois ela engloba todo um sistema, um conjunto de relações sociais. Este sistema resulta em amplas repercussões na estrutura e constituição da própria sociedade e, assim, na produção, circulação e acesso aos bens culturais.

Voltemos a Almeida (2014) para analisar os efeitos, a repercussão do uso das tecnologias que viabilizam a transmissão e a disseminação da informação. Conforme novas tecnologias vão viabilizando cada vez mais essa transmissão, surgem e se desenvolvem novas formas de interação e relacionamento social, a exemplo da difusão da imprensa, da dinamização do comércio. Com o surgimento

de novos meios de comunicação, especialmente a partir do século XIX, a interação social passa a se dissociar do ambiente físico e os novos meios e técnicas passaram a ser uma extensão do homem, como preconizava MacLuhan. O desenvolvimento dos meios massivos de comunicação, levaria grande parte da população a se organizar e a refletir sobre suas identidades, ao mesmo tempo em que determinados grupos, privados do acesso a esses meios, não se tornariam aptos a refletir ou mesmo a contestar as informações transmitidas pelos meios midiáticos. “Em outras palavras, a relação/oposição entre a facilidade de acesso e competência para a assimilação e a manipulação de informações e conhecimentos” (ALMEIDA, 2014, p. 15) encontram-se estritamente atreladas.

Ou seja, para que um indivíduo seja capaz de compreender e criticar uma determinada informação, é necessário que disponha de um repertório ou que tenha acesso à uma série de informações relacionadas a ela. Assim, se um indivíduo por ventura entrar em contato com um filme que represente bibliotecários no exercício de sua profissão, ele precisaria ou de acesso à outros filmes sobre o assunto ou de contato com um ou mais bibliotecários, a fim de julgar o que assistiu no cinema.

Almeida e Nogueira (2013) consideram que o mero ato de ‘informar-se’ não é exatamente simples. Devem ser considerados a quantidade e a qualidade de informação, o ‘ruído’ informacional, fatores que podem dificultar o processo de apreensão da informação e, conseqüentemente, a própria mediação. Também é necessário considerar que o indivíduo que deseja se informar sobre algo, necessita ter a capacidade de reflexão e crítica para contestar, por exemplo, o filme que assistiu na tela do cinema. Pois os

[...] meios de comunicação, no caso, além de permitirem a intercompreensão mútua entre os atores sociais, também são um elemento motivador dos mesmos, na medida em que sugerem visões de mundo, possibilidades de ação e potenciais resultados. Os meios de comunicação, como expressão do poder e enquanto poder, buscam delimitar o espaço de seleção dos atores sociais – sejam eles classes sociais, grupos de interesse, coletividades, instituições ou indivíduos.” (Almeida; Nogueira 2013, p141)

Sob o ponto de vista de Le Goff (1924), o cinema, como um meio de comunicação, é uma grande fonte da informação e por assim ser considerado ele

pode ser um mediador de informação, cujo recurso tecnológico proporciona uma ampla divulgação.

Sobre a questão de mediação, vale ressaltar o estudo desenvolvido por Henriette Ferreira Gomes (2014, p. 48) no qual considera que “[...] ação mediadora é compreendida como uma ação essencialmente pautada na dialogia” ou seja, o envolvimento de duas partes, mas, o mais importante é: “Na mediação consciente, a dialogia torna exequível o exercício da crítica e a observação mais clara das incompletudes e lacunas que promovem a desestabilização dos conhecimentos estabilizados em cada sujeito”. Ou seja, pode-se considerar que, enquanto a mediação for estabelecida entre dois indivíduos, há a oportunidade de contestação, crítica e requisição de esclarecimento do que está sendo transmitido. O cinema, como algo ‘estático’ (onde um filme não pode modificar-se no meio de sua transmissão para responder à pergunta de um espectador), oferece uma mediação ‘unilateral’, na qual há a transmissão de conteúdo, mas não há a possibilidade de interlocução, um intermédio através de um dispositivo (o projetor de filmes na tela de cinema) entre o espectador e todo um material que foi preparado e produzido de forma a representar algo de uma forma específica. Assim, embora não seja plural, o cinema como um dispositivo pelo qual uma gama de informações é transmitida para um determinado público, continua como um mediador. Há a recepção (ou não), mas não há o diálogo, há a dialogia, mas não completa e uniforme.

Para aprofundar e desenvolver melhor este ponto, retornemos a Barreto (1994, p. 4) que assim se posiciona: “Os produtores de informação não podem dizer ao indivíduo o que pensar, mas podem induzir sobre o que pensar”. E como já nos referimos anteriormente, há, por parte do cinema, como meio de comunicação, o controle de todas as facetas da produção de um filme, desde o ponto de vista físico e psicológico, como os contextos nos quais as cenas são gravadas. Para reforçar este ponto de vista, apelamos a Gomes (2014, p. 53) quando afirma que a “[...] mediação da informação representa uma ação de interferência, o que traz à tona a preocupação com a existência de uma relação tênue entre interferência e manipulação.”

Podemos exemplificar tal feito. Um local de filmagem não será reconhecido como uma biblioteca sem que haja um signo, ou seja, uma plaqueta com um nome,

uma legenda ou um comentário de um personagem que remeta àquele tipo especial de ambiente. Tudo tem que ser simplificado e explicitado para a maior absorção informacional pela maior quantidade possível de espectadores, desde quando, por ser o cinema um meio de comunicação de massa, considera-se que segmentos da população que visitam o cinema não procuram nele a veracidade dos fatos representados das informações, tendendo, muitas vezes, a aceitar sem maiores questionamentos o que veem.

Dias e Flório (2013, p. 16) discorrem sobre a forma como foi construído o filme *Os ladrões de bicicletas* de Vittorio De Sica (1948). O filme foi rodado de modo a retratar e representar toda a miséria italiana do pós-guerra. Pessoas sem nenhum treino eram contratadas como atores para

[...] enquadrar, filmicamente, de modo realista, a emoção e sentimento daqueles que realmente viveram a situação de miséria do cotidiano sofrido da Itália de meados dos anos 40. A ideia era que esse tipo de cinema fosse feito totalmente nas ruas, numa realidade sem manipulações ideológicas.

Segundo os autores, isso foi feito de modo a contrastar e confrontar a estética e filmografia nazista que representava um país próspero, rico e glamoroso. Essa representação de todo um segmento da sociedade e a realidade, segundo os autores, acabou por definir os rumos artísticos e estéticos de toda a Europa, tendo o neo-realismo Italiano como referência. Pode-se pensar que, da mesma forma que Sica pôde redefinir toda uma construção estética e cultural de todo o continente Europeu, influenciando o estilo de cinematografia e colocando em evidência um contraste da sociedade vigente, o efeito reverso pode ser desenvolvido, onde uma toda uma gama de espectadores podem ser influenciados a pensar sobre um determinado assunto de uma determinada maneira buscando influenciar de uma determinada forma.

Conclui-se que o cinema é tanto um mediador cultural, como uma importante fonte de informação para diversas áreas do conhecimento e para diferentes grupos sociais que a ele agregam valor, não só como entretenimento, mas como documento, de acordo com o interesse que pode advir de um pesquisador ou sujeito que nele busca a informação desejada.

A partir dessas reflexões e pontos de vista, pode-se inferir que os personagens bibliotecários protagonizados pelo cinema são representações e visões pessoais dos seus produtores sobre suas funções e seus procedimentos. Tal forma de ver e representar o bibliotecário interfere na construção do imaginário da sociedade sobre esse sujeito, desde quando o cinema se configura como um mediador de alto poder de veiculação, de imensa popularidade e capacidade de representar.

#### **4 LUZ, CÂMERA, REPRESENTAÇÃO!**

Enfim, após a análise da representação do bibliotecário dentro e fora da biblioteca e o bibliotecário no imaginário popular, fica evidente uma enorme disparidade. O profissional que atua nas bibliotecas busca constantemente estar a par dos desenvolvimentos tecnológicos (Walter, 2004), da comunidade ao redor da biblioteca (ARAÚJO, 2017, p.71). São profissionais que sentem que seu público não compreende suas tribulações e o alcance de suas atividades (Silva, 2009) por mais que tentem se aprimorar, embora hajam exemplos (MILANESI, 1998, p11) de indivíduos cuja atuação apenas serviu para solidificar uma representação estereotípica. A figura estereotípica foi construída, segundo Walter e Baptista (2007), de forma a estabelecer a figura do bibliotecário como majoritariamente do sexo feminino e hostil para com o usuário, de forma até contraditória, onde parte do estereótipo advém de uma arrogância intelectual, e a outra parte advém de uma suposta simplicidade intelectual do profissional. O controle do espaço da biblioteca de forma possessiva, a rejeição do usuário, a proibição do fluxo informacional, fatores que opõem as normas estabelecidas Conselho Federal de Biblioteconomia (2018).

Essa representação pode ser, através do cinema, dissipada, reforçada ou modificada, conforme a produção e a manipulação de enredos, que podem tanto ressaltar como atenuar características específicas, sejam elas realistas ou estereotípicas.

Essas representações cinematográficas são vistas por uma grande gama da população, o que colabora para a construção no imaginário social de um estereótipo do profissional, especialmente quando se considera a construção do imaginário popular, como visto anteriormente, onde uma mídia de grande e vasto alcance constrói representações que são absorvidas por espectadores e por eles internalizadas

Nesta seção, vamos apresentar o percurso feito para responder a nossa questão como o cinema constrói a representação do bibliotecário.

Vale ressaltar, de início, que embora a liberdade de expressão artística deva ser respeitada, os estereótipos que ressaltam o perfil do bibliotecário, no cinema, geralmente como um sujeito não muito comunicativo, que se coloca atrás de um

balcão, estabelecendo com o público uma relação de distanciamento, vem sendo desconstruído, por conta de uma nova postura da sociedade diante de segmentos sociais que culturalmente tem sido representados de forma depreciativa ou mesmo preconceituosa, como veremos em algumas películas que serão analisadas.

O cinema, como fonte de informação, é acessado por milhões de pessoas que não só não contestarão de imediato o que veem na tela, como potencialmente absorverão as histórias e estereótipos como verdade. Os estudos de Martins e Córtez (2019) comprovam que, desde a tenra infância, o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos se baseia nos diversos processos de socialização (incluindo, mas não se limitando à sua família, seus colegas de escola etc.), que, em conjunto com as representações do real e do social, acabam por solidificar suas impressões e estabelecer uma visão da realidade ao seu redor.

E se a construção dos conceitos de que se tem da realidade pode ser entendida como o processo da construção dos significados, as autoras acreditam que

A construção de significados é um processo dialético e relacional, com inter-relação dos âmbitos individuais e coletivo, permeada por símbolos, representações sociais e (re)produzidos em diferentes instâncias da sociedade. (MARTINS; CÔRTEZ, 2019, p. 161)

Vale a pena, neste caso, voltar também a Barreto (1994, p. 3), quando aborda os processos de produção e disseminação da informação.

Neste processo, são utilizadas técnicas próprias de redução estrutural da informação. Utilizam-se, neste processamento redutor, novas linguagens, estabelecidas pelos instrumentos transformadores da indústria da informação; o processamento redutor é potencializado ainda, pelas exigências do meio físico de armazenamento. Reduz-se, assim, o universo da linguagem natural do homem, em termos de medição da informação com a finalidade de produção do conhecimento.

Ou seja, o cinema quando representa o bibliotecário, ao invés de contextualizá-lo, de inseri-lo em seu ambiente de trabalho, de representá-lo no exercício da sua profissão, muitas vezes, como já referimos, utiliza-se de um elemento como uma simples plaqueta - "biblioteca" - para indicar tratar-se de um

personagem bibliotecário, deixando assim que o espectador tire suas próprias conclusões e construa, no seu imaginário, uma ideia, muitas vezes distanciada da realidade. Pressupomos que isso pode ser utilizado para guiar o espectador a determinadas impressões, como Vittorio De Sica (1948) produziu seu filme.

Considerando os estudos de Martins e Côrtez (2019) e Barreto (1994), pode-se pensar na possibilidade do cinema como uma representação do real, como uma fonte de informação e por conta da sua ação mediadora, que, movido por interesses próprios, acabe por interferir na construção do imaginário social, o que veremos a seguir quando serão apresentadas as análises dos 20 filmes constitutivos do recorte da pesquisa e o percurso metodológico realizado.

#### 4.1 A CATA DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

“Como o cinema constrói a representação do bibliotecário?” Esta foi a pergunta iniciadora da pesquisa e, para respondê-la, delineamos o universo da pesquisa em filmes produzidos entre os anos de 2000 a 2010, sendo seu recorte composto por 20 filmes lançados dentro desse período. O período foi escolhido por conta da facilidade de acesso ao material, e os filmes foram escolhidos em função de existirem, em sua trama, personagens bibliotecários, a presença de livros ou mesmo um espaço designado como biblioteca.

Este trabalho tem como objetivo geral **demonstrar** como o cinema constrói a representação do bibliotecário. E como objetivos específicos: A) **compreender** como o imaginário social interfere na representação do bibliotecário pelo cinema; B) **identificar** preconceitos e estereotípias que subjazem na representação do bibliotecário nos filmes escolhidos; C) **mapear**, nos filmes, semelhanças e diferenças do perfil profissional e social do bibliotecário e, finalmente, D) como o cinema, como disseminador/mediador de informação, influencia os espectadores.

Devido ao fato de a pesquisa trazer à tona e descrever características de uma determinada população ou fenômeno (neste caso a população de bibliotecários representados nos filmes), além de buscar descobrir intuições, ela se configura como descritiva, conforme explicita Gil (2002. p. 41)

A pesquisa tem uma abordagem que se configura como qualitativa, por conta da análise do fenômeno encontrado, adaptando e modificando os parâmetros de

análise sucessivamente conforme a pesquisa progride. Gil (2002, p. 134) especifica que:

Já nas pesquisas qualitativas, o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos. Por outro lado, nessas pesquisas os dados costumam ser organizados em tabelas, enquanto, nas pesquisas qualitativas, necessita-se valer de textos narrativos, matrizes, esquemas etc.

A fundamentação teórica do trabalho foi construída por meio dos procedimentos como levantamento bibliográfica e pesquisa documental. O levantamento bibliográfico teve como fontes livros, artigos de periódicos, bases de dados eletrônicas (IMDB, *Reel Librarians*, *Google.com*), levando-se em consideração que “[...] a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto” na perspectiva de Gil, (2002, p,45).

Em contrapartida, a pesquisa documental foi voltada para a escolha dos filmes para compor o nosso *corpus*, em consonância também com o pensamento de Gil (2002, p.45) que diz ser a pesquisa documental aquela que “[...] vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.” Os filmes foram selecionados através de uma lista oferecida pelo *site Reel Librarians*, (Site focado em filmes com personagens bibliotecários). Complementamos a lista encontrada com uma busca pelo sistema de filtragem do *Google.com* e com as listas de filmes do *Internet Movie Database (IMDb)*. Os filmes foram obtidos no formato de mídia DVD e como instrumento de pesquisa foi utilizado um computador pessoal para possibilitar a observação direta.

Após serem selecionados, todos os filmes foram catalogados em um formato inspirado no modelo do *Manual de Catalogação de Filmes da Biblioteca da ECA* (2009), com especificidades tais como data de lançamento, origem e língua falada, mas não se aprofundando em minúcias, como o formato do filme, trilha sonora e afins. Quanto aos gêneros, foram catalogados de acordo com as informações predeterminadas pelas produtoras, nas descrições no *Internet Movie Database (IMDB)*. Quanto ao enredo e estrutura dos filmes em si, atentamos para as seguintes

questões: **cenário**, ou seja, se durante o enredo do filme há pelo menos uma cena dentro de uma biblioteca; se **livros** fazem parte do cenário ou se constituem em um dispositivo utilizado durante o enredo para qualquer fim. A contextualização do papel do bibliotecário e seu impacto (ou seja, se o bibliotecário foi um protagonista ou um personagem de fundo) na trama foram também fruto de nossa observação. No contexto da análise, levamos em consideração, também, o tempo de exposição de personagens que representavam bibliotecários, personagens que se referem a livros, bibliotecas, empréstimos ou afins.

#### 4.2 CRITÉRIOS, DESCRIÇÃO E ANÁLISE

Para a criação dos critérios avaliativos da representação do bibliotecário no cinema, nos filmes *corpus* da pesquisa, foram tomados como referência critérios de Edson Nery da Fonseca (2007): Um profissional capaz de tanto dominar os aspectos técnicos de uma biblioteca (conhecer o acervo, a catalogação e afins), quanto os aspectos sociais (ajudar o usuário, tratá-lo de forma cortês, guiá-lo propriamente para a informação desejada). Também foram consideradas as definições de Walter e Baptista (2007), onde a personalidade e a atuação do bibliotecário, fora de seu ambiente de trabalho, ainda está relacionada com sua profissão. Mas fomos além e consultamos os códigos de conduta do Conselho Federal de Biblioteconomia (2018), que definem a caracterização positiva de um bibliotecário como um profissional probo, à disposição do público, que está alinhado com a missão da biblioteca e da instituição em que trabalha, especificamente em seu 5º artigo:

- a) preservar o cunho liberal e humanista de sua profissão, fundamentado na liberdade da investigação científica e na dignidade da pessoa humana; b) exercer a profissão aplicando todo zelo, capacidade e honestidade em seu exercício; c) observar os ditames da ciência e da técnica[...] h) realizar de maneira digna a publicidade de sua instituição ou atividade profissional, evitando toda e qualquer manifestação que possa comprometer o conceito da profissão ou dos colegas;

Alguns fatores adicionais a serem considerados foram: se o personagem bibliotecário em cena é prestativo, se tem cuidado com a coleção de sua biblioteca e

o espaço (manutenção e cuidado com os livros, não danificar os livros, não consumir ou deixar alimentos próximos dos livros); se favorece o acesso à informação e a preservação dos livros. Do ponto de vista do bibliotecário como pessoa, fora de seu ambiente de trabalho, foi analisado levando-se em conta se é rude/hostil/violento ou afável/complacente para com seus pares dentro e fora da biblioteca.

Quanto ao que seria definido como uma 'representação negativa bibliotecário', bastou apenas inverter os valores estabelecidos tanto por Edson Nery da Fonseca (2007), com o pelo Conselho Federal de Biblioteconomia (2018), ou seja, uma pessoa que agiria de forma hostil, danosa, relapsa e improba tanto para com seu ambiente de trabalho e o usuário, dentro e fora de seu ambiente de trabalho. Mas, para complementar as definições para uma pesquisa mais refinada, foi dada atenção específica para quaisquer personagens que se enquadrassem parcial ou totalmente no estereótipo explorado por Walter e Baptista (2007): uma bibliotecária mulher, idosa, com coque no cabelo e, ranzinza e que é pouco prestativa ou atrapalha diretamente a pesquisa do usuário, também pedindo para que façam silêncio.

### Quadro 2 - Filmes

9
<b>Ágora</b>
<b>A.I. Artificial Intelligence</b>
<b>All The Queen'S Men,</b>
<b>Autumn In New York</b>
<b>Because Of Winn-Dixie</b>
<b>Billy Elliot</b>
<b>Buongiorno, Notte</b>
<b>Chichi To Kuraseba.</b>
<b>Confidences Trop Intimes</b>
<b>Dinotopia</b>
<b>Extremely Goofy Movie</b>
<b>Firestarter: Rekindled</b>
<b>The Librarian</b>
<b>Men Of Honor</b>
<b>Miranda.</b>
<b>Read Or Die.</b>
<b>Red Dragon</b>

<b>School Of Rock</b>
<b>Star Wars: Episode II – Attack Of The Clones</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

As considerações e definições para uma representação positiva e negativa de um bibliotecário resultaram nos Quadros 3 e 4. No Quadro 3, foi considerada apenas a representação do bibliotecário do ponto de vista profissional, enquanto que no Quadro 2 foi considerada apenas a representação do bibliotecário do ponto de vista pessoal. Nos Quadros 4 a 22 estão apresentados os dados descritivos dos filmes, sua catalogação, um breve resumo do enredo, informações sobre o bibliotecário como personagem, dando ênfase ao papel por ele representado no filme.

### Quadro 3 – Critérios de Avaliação – Bibliotecário como Profissional

<b>BIBLIOTECÁRIO COMO PROFISSIONAL.</b>	
<b>Positivo</b>	<b>Negativo</b>
Atende bem aos usuários, ajudando-os nas suas pesquisas.	É rude com os usuários, demanda silêncio e ou não ajuda ou atrapalha as pesquisas dos usuários.
É probo em suas atividades, obedecendo os instrumentos legais e normativos vigentes em sua biblioteca e/ou instituição em conjunto com a sociedade. Facilitando o acesso à informação aos usuários.	É relapso, improbo ou negligente em suas atividades, como, por exemplo, aceitando subornos, não acompanhando usuários em áreas restritas etc. dificultando o acesso à informação
Tem cuidado com o acervo, prevenindo danos, não só à utilização, mas por usuários. Não permitindo o consumo de alimentos próximos aos livros.	É descuidado com o acervo, propositalmente ou por desleixo, deixando que livros sejam danificados, ou lhes causando dano diretamente.
Estabelece uma relação profissional positiva com seus colegas, ajudando-os em seus deveres para com a biblioteca.	Estabelece uma relação profissional negativa com seus colegas, agindo de forma rude ou até mesmo ofensiva, não ajudando ou até mesmo sabotando sua atuação na biblioteca.
Tem domínio das especificidades técnicas da Biblioteconomia (códigos de catalogação, classificação, atenta para a missão da biblioteca, práticas de descarte, etc.). Atende aos preceitos ditados na lei	Desconhece as especificidades técnicas ou discorre sobre elas de forma leiga. Não adotando termos técnicos apropriados Por exemplo, referir-se ao Código Decimal Dewey como 'AACR2'.

que rege a profissão	
----------------------	--

Fonte: Dados da pesquisa.

#### Quadro 4 – Critérios de Avaliação – Bibliotecário como sujeito social

<b>BIBLIOTECÁRIO COMO SUJEITO SOCIAL</b>	
<b>Positivo</b>	<b>Negativo</b>
Ajuda psicológica ou fisicamente as pessoas.	Abusa psicológica ou fisicamente das pessoas.
É cortês para com seus pares.	É rude, ofensivo ou até violento para com seus pares.
Não comete atos violentos, criminosos, ímprobos ou hostis, ou levem a danos para si ou a biblioteca.	Possui desvios comportamentais e/ou psicológicos ou psiquiátricos que levam a atos violentos, criminosos, ímprobos ou hostis, ou levem a danos para si ou a biblioteca.
É prestativo para com a sociedade e o ambiente, por exemplo, joga lixo nos locais adequados, não danifica ou depreda sua cidade, etc. Exerce com responsabilidade social sua profissão, dentro e fora da biblioteca.	Possui comportamento considerado não necessariamente criminoso, mas, ainda assim, negativo para com a sociedade e o ambiente, por exemplo, jogando lixo no chão, depredando estruturas, etc. Não se envolve com ações sociais e culturais dentro e fora da biblioteca

Fonte: Dados da pesquisa.

#### Quadro 5 – Descrição do filme 9

<b>FILME – TÍTULO</b>	<b>9</b>
<b>DIRETOR</b>	Shane Acker
<b>ANO</b>	2009
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Animação, Ação, Aventura, Horror.
<b>DURAÇÃO</b>	1 h 19 min
<b>ENREDO</b>	Um pequeno boneco de pano acorda num cenário pós-apocalíptico e busca sobreviver à criaturas nefastas com a ajuda de outros bonecos semelhantes a ele.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	3 e 4

<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM(S)</b>	Masculino e Feminino
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA - DURAÇÃO</b>	<b>Início 0:29:32-0:33:30</b>
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	O protagonista, 9, necessita de informações sobre o vilão do filme, uma máquina que ele acidentalmente ‘acordou’. Para tal, visita a biblioteca dos irmãos gêmeos 3 e 4, os bibliotecários. Ambos não só organizaram a biblioteca no pós-apocalipse como fizeram um sistema de catalogação e referência utilizando-se de cordões: no livro principal de referências, cada foto de tema específico é ligada a um cordão que leva ao livro desejado na estante. Os gêmeos também armazenaram e trazem consigo um catálogo de filmes dentro de suas memórias que podem ser projetados através de seus olhos, mas aparentemente necessitam de auxílio de um catálogo externo para acharem a referência específica e projetá-la.
<b>AVALIAÇÃO—POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Positivo</b> —Os gêmeos organizaram e cuidaram de uma biblioteca em tempos extremamente difíceis, desenvolvendo um novo sistema de catalogação de referências.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	Foi bem interessante ver um sistema de referências em tela, principalmente por conta de sua importância para o enredo. Também foi interessante ver o apreço dado ao conhecimento em tempos pós-catástrofe.



Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 6 – Descrição do filme *Ágora*

<b>FILME—TÍTULO:</b>	<b>Ágora</b>
<b>DIRETOR</b>	Alejandro Amenábar
<b>ANO</b>	2009
<b>NACIONALIDADE</b>	Espanhola
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglesa.
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Drama, Biografia
<b>DURAÇÃO</b>	02:07:28
<b>ENREDO</b>	Dramatização da história de Hypatia de Alexandria, filósofa e bibliotecária, e a destruição da biblioteca de Alexandria pela multidão fundamentalista cristã.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Hypatia, Theon
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino, Masculino
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	Protagonista
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	Theon, diretor do Museu de Alexandria vive com sua filha Hypatia, ambos fazendo parte da biblioteca de Alexandria. Hypatia ensina na escola Platônica local as disciplinas ciências e filosofia, enquanto as tensões entre as populações pagãs e cristãs aumentam.
<b>AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Positiva</b> – Hypatia é uma pessoa prestativa, paciente e totalmente voltada para a ciência. Busca ensinar seus discípulos a pensar, a serem mais tolerantes e, ao ser ameaçada pela multidão cristã, decide defender a ciência e pensamento crítico, mesmo que ao custo de sua própria vida.

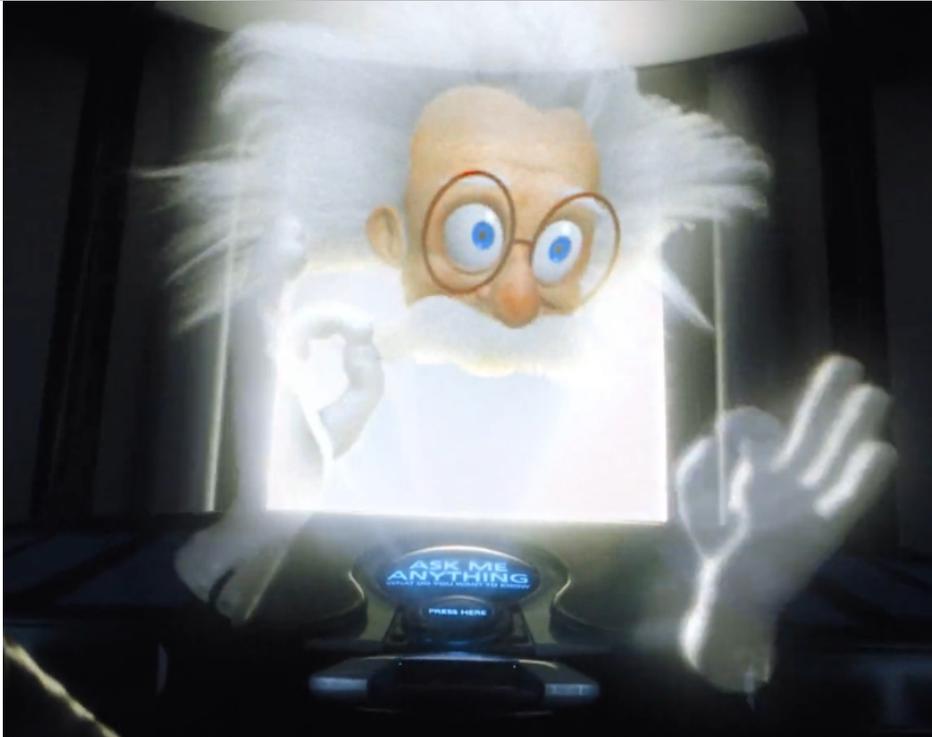


Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 7 – Descrição do filme *A.I – Artificial Intelligence*

Filme – TÍTULO	I.A – Inteligência Artificial (A.I – Artificial Intelligence)
DIRETOR	Steven Spielberg
ANO	2001
Nacionalidade	Estadunidense
LÍNGUA FALADA	Inglês
GÊNERO DO FILME	Drama, Ficção Científica
DURAÇÃO	2 h 26min
ENREDO	Um androide feito com a imagem e personalidade de uma criança é abandonado por sua mãe adotiva. Pensando que, caso torne-se humano, será adotado de novo, parte em busca de uma misteriosa entidade chamada de “Fada Azul”
NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)	Dr. Know (Dr. Sabe, tradução livre)
GÊNERO DO(A) PERSONAGEM	Masculino.
BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO	1;25;18 – 1;31;00
CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA	Não.
REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS	Sim. Referência ao livro “Pinóquio”.
O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO	O pequeno Robô David está procurando um modo de se tornar humano. Para tal, vai atrás de uma entidade chamada a ‘Fada Azul’, mas não sabe onde achá-la. Para encontrá-la, acessa o programa de inteligência artificial ‘Dr. Sabe’ (identificado no filme como ‘bibliotecário’), que age como um sistema de busca catalográfico, de referência e busca de informações específicas. O problema para o Robô Davi é que cada pergunta tem um custo financeiro (e o robô-gigolô Joe indica a David que ‘No mundo de hoje, nada custa mais que informação’). O ‘Dr. Sabe’ procura responder as perguntas de forma pouco esclarecedora, ou tenta responder as perguntas que não lhe foram dirigidas, de forma a fazer o robô David gastar mais dinheiro na busca por informações. O protagonista deve por si só ter a iniciativa de filtrar suas perguntas e buscas de referência em categorias específicas e/ou misturar as categorias para obter seus resultados.
AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO	<b>Negativo.</b> O Dr. Know assume um papel ambíguo. Auxilia o protagonista em sua busca por informações, mas não só cobra pelas perguntas a ele dirigidas, como responde de forma propositalmente escusa, e responde a outras que não lhe são dirigidas, numa forma antiética.
NOTAS PESSOAIS:	O filme toca brevemente num assunto que pessoalmente considero vital para a biblioteconomia como um todo: O preço da informação e a ética do bibliotecário. Se em outros filmes um bibliotecário ‘ruim’ era apenas um estereótipo, neste, ele demonstra uma visão possível e, pessoalmente, horripilante de um profissional que preza o lucro acima de tudo e engana o usuário. E isto é uma visão que pode tornar-se real mais rápido do que se

pensa, pois já se pode ver algo similar a isto em sites de informação (a exemplo de editoras ou sites de periódicos de áreas científicas) que cobram por informações e/ou acesso a documentos muitas vezes inúteis, senão enganosos.



Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 8 – Descrição do filme *All the Queen's Men***

<b>FILME – TÍTULO</b>	<b>Todos os Homens da Rainha (All the Queen's Men)</b>
<b>DIRETOR</b>	Stefan Ruzowitzky
<b>ANO</b>	2001
<b>NACIONALIDADE</b>	Alemã
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Comédia. Espionagem, Drama
<b>DURAÇÃO</b>	1;37;13
<b>ENREDO</b>	Na Segunda Guerra Mundial, os aliados necessitam decodificar as transmissões nazistas. Para isto, buscam para uma das chamadas 'Máquinas Enigma', usadas pelos nazistas. Como a fábrica destas máquinas é manejada apenas por mulheres, um grupo de espiões é chamado para travestirem-se e atravessar as linhas inimigas.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Romy.
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	Protagonista, aparecendo em cena em 0;28;07
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim.
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim. Um código para contato com espiões é o livro 'As mil e uma noites'. A fábrica onde os nazistas fazem as 'máquinas enigmas' de código fica localizada em um parque com temática inspirada na literatura infantil.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	Os protagonistas são um esquadrão de espiões travestidos que, infiltrados, buscam uma máquina de códigos na 2ª guerra mundial. Para conseguir a máquina eles têm que adentrar a uma fábrica manejada apenas por mulheres. Seu contato da inteligência americana e inglesa é a bibliotecária de uma das maiores bibliotecas de Berlim: Romy. A bibliotecária ajuda os agentes infiltrados a escaparem da Gestapo e subsequentemente ajuda-os a prosseguirem com sua missão. Romy utiliza de suas referências bibliográficas para localizar a fábrica secreta. Além disso protege livros 'proibidos' de serem destruídos pelo regime nazista.
<b>AValiação – POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Positivo</b> – Romy mostrou que se importa com seu acervo, mesmo os volumes proibidos pelo estado. Ajudou os espiões em sua missão mesmo sob pressão, interrogatório e tortura, demonstra conhecer diversas referências à literatura infantil. Sem Romy, o time de espiões teria sido pego logo no início e, mesmo que escapassem, não teriam como prosseguir em sua missão. Pode-se dizer que ela foi crucial para a história.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	Um ponto digno de nota é como Romy conhece a biblioteca melhor que o bibliotecário-chefe, a um ponto em que ela esconde todos os 'volumes proibidos' pelos nazistas embaixo de seus narizes, simplesmente deslocando os volumes

para o sótão da biblioteca.



Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 9 – Descrição do filme *Autumn in New York*

<b>FILME TÍTULO</b>	<b>Outono em Nova Iorque (Autumn in New York)</b>
<b>DIRETOR</b>	Joan Chen
<b>ANO</b>	2000
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Romance, Drama
<b>DURAÇÃO</b>	1;44;09 – 1;46;04
<b>ENREDO</b>	Um rico <i>playboy</i> de meia-idade dono de um restaurante se apaixona por uma mulher mais nova, com uma doença terminal. Enquanto busca um romance com esta mulher, descobre que possui uma filha cuja existência desconhecia.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Uma senhora sem nome.
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	0;44;35 – 0;45;02
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim.
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Não.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	O personagem de Richard Gere vê uma mulher que pode ser sua filha, Lisa Tyler, interpretada por Vera Farmiga, entrando no museu de Nova York. Vai atrás dela até a área de bibliotecas, onde a vê entrando em uma área restrita. Se dirige ao balcão e é atendido por uma bibliotecária que confirma que a mulher que ali entrou se chama Lisa, mas desiste de

<b>AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO</b>	Ihe mandar qualquer mensagem. <b>Neutro</b> – a personagem, aparentemente de meia-idade, podia ser trocada por um guarda, uma segurança ou um museólogo, o papel continuaria o mesmo. A personagem de Lisa não é confirmada nem negada como bibliotecária.
	

Fonte: Dados da pesquisa.

#### Quadro 10 – Descrição do filme *Because of Winn-Dixie*

<b>FILME TÍTULO</b>	<b>Por Conta de Winn-Dixie (Because of Winn-Dixie)</b>
<b>DIRETOR</b>	Wayne Wang
<b>ANO</b>	2005
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Comédia / Drama
<b>DURAÇÃO</b>	1;46;20
<b>ENREDO</b>	Opal é uma garota de dez anos que se muda para uma nova cidade, junto com seu pai, um pastor. Por ter sido abandonada pela mãe, e mudar-se constantemente de local devido à profissão do pai, tem dificuldades para relacionar-se com outras pessoas. Por sorte acha um cachorro, adotando-o e dando-lhe o nome de Winn-Dixie. Ela acaba sendo ajudada por ele a conhecer os habitantes da cidade e suas histórias.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Senhora Franny
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	0;27;30-0;31;52; 1;04;13-1;08;41
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	A protagonista, a pequena Opal, mudou-se para uma cidade do interior e não tem amigos. Por acaso e ajuda de seu cão, Winn-Dixie, encontra Senhora

	Franny, a bibliotecária, e com ela estabelece uma amizade. A bibliotecária lhe conta histórias (sejam fictícias como a de um urso que invadiu a biblioteca, ou verdadeiras, como a história de seu bisavô na guerra de secessão). Quando a protagonista, Opal, pede uma referência de um livro para ler para uma amiga cega, a Senhora Franny, lhe indica 'E o vento levou'. No final ela divide com Opal um doce feito pela fábrica de doces de sua família. Supostamente o doce contém alegria e tristeza, para ensinar a protagonista sobre fatos da vida, de que o bom e o ruim andam juntos.
<b>AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO</b>	Positivo. Embora a bibliotecária seja quase que um retrato do estereótipo profissional por conta de sua idade, vestimenta e corte de cabelo, ela é prestativa e ajuda a protagonista em suas atribulações, indicando-lhe livros e oferecendo informações sobre a cidade.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	Este filme foi baseado num livro.
	

Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 11 – Descrição do filme *Billy Eliot*

<b>FILME TÍTULO</b>	<b>Billy Eliot</b>
<b>DIRETOR</b>	Stephen Daldry
<b>ANO</b>	2000
<b>NACIONALIDADE</b>	Inglesa
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Drama
<b>DURAÇÃO</b>	01;50;49
<b>ENREDO</b>	O pequeno Billy Eliot, um garoto de dez anos órfão

	de mãe, descobre que possui talento e paixão pelo balé, e, em sua busca por tornar-se dançarino, enfrenta o forte preconceito do pai e do irmão, ambos mineiros no meio de uma greve.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Bibliotecária sem nome.
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	0;19;11 – 0;20;20
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim, biblioteca móvel de Durham.
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim, o protagonista Billy Eliot rouba um livro sobre Balé.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	O protagonista, Billy Eliot, quer ser um bailarino, mesmo morando numa cidade do interior e com o pai achando que ser dançarino não é ‘masculino’. Para aprender a dançar, busca na pequena biblioteca móvel (instalada dentro de um ônibus) um livro sobre balé, mas é interrompido pela bibliotecária. Esta imediatamente lhe diz que não pode pegar este livro emprestado ‘com um passe juvenil’ (o que indica que o livro é para adultos). Como Billy não pôde pegar o livro emprestado, o rouba quando a bibliotecária se vê distraída.
<b>AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Negativo</b> – a bibliotecária não perguntou o porquê da escolha, não orientou Billy, muito menos ofereceu referências ou opções.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	Foi a primeira ‘biblioteca não-convencional’ vista na lista de filmes, visto que ela está localizada dentro de um ônibus. Em todos os aspectos exceto a velhice, a bibliotecária se porta como um estereótipo.



Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 12 – Descrição do filme *Buongiorno, Notte***

<b>FILME TÍTULO</b>	<b>Buongiorno, Notte.</b>
<b>DIRETOR</b>	Marco Bellocchio
<b>ANO</b>	2003
<b>NACIONALIDADE</b>	Italiana
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Italiano
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Drama
<b>DURAÇÃO</b>	1:42:20
<b>ENREDO</b>	Chiara é uma bibliotecária que faz parte do grupo comunista de resistência “Brigada Vermelha”, raptando o então presidente Aldo Moro. Chiara começa a ter dúvidas de seu engajamento com a Brigada Vermelha, considerando que Aldo será executado.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Chiara, protagonista.
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	Protagonista, todo o filme.
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim, biblioteca do governo. 0:25:40.
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim, o apartamento de Chiara é repleto de livros. Moro faz uma carta que lembra Chiara de um livro sobre declarações feitas por comunistas antes de serem executados.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	A biblioteca do governo italiano é mostrada como pano de fundo para os conflitos de Chiara, membro do grupo de resistência Brigada Vermelha, e sua indecisão sobre os rumos do grupo. Seu papel como bibliotecária é utilizado para contrastar seu conhecimento literário ao do cativo Moro.
<b>AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Neutro</b> – o papel de Chiara como bibliotecária é irrelevante para o filme. No máximo outro personagem descreve o trabalho como ‘inútil’ e ‘repetitivo’, mas fica ambíguo se ele está se referindo ao trabalho governamental ou o de bibliotecário. O filme mostra que ela cuida do atendimento aos visitantes e carimba livros, mas de forma breve, sem nuances de qualidade positiva ou negativa.



Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 13 – Descrição do filme *Chichi to Kuraseba*

<b>FILME TÍTULO</b>	<b>Chichi to Kuraseba</b>
<b>DIRETOR</b>	Kazuo Kuroki
<b>ANO</b>	2004
<b>NACIONALIDADE</b>	Japonesa
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Japonês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Drama
<b>DURAÇÃO</b>	01;39;20
<b>ENREDO</b>	Baseada numa peça teatral, o filme trata de Mitsue, uma bibliotecária sobrevivente da bomba de Hiroshima, que considera tanto não ser digna de felicidade quanto não deixar nada remanescente do atentado da bomba nuclear restar. Ao longo do filme a figura fantasmagórica do pai a convence do contrário em ambos os aspectos, também discutindo sobre o fatídico dia para o Japão.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Mitsue
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	Protagonista
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim, biblioteca onde Mitsue trabalha.
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim, procura de livros e material sobre a bomba atômica. Atividade de leitura de livros para crianças, referências a escritores populares na biblioteca onde Mitsue trabalha.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	A Bibliotecária Mitsue traz para a narrativa um conflito interno, exteriorizado pelo fantasma de seu pai, Takezou. Por um lado, Mitsue quer manter o espírito tradicional Japonês e prosseguir em sua vida ignorando e procurando enterrar todas as lembranças da bomba, ao mesmo tempo que

	prefere manter histórias antigas inalteradas. Esta visão é desafiada por seu interesse romântico, Kinoshita. Ele acredita que a memória do que aconteceu deve ser guardada, inclusive com objetos que ele encontra. O fantasma de Takezou crê que Mitsue deva colocar a narrativa da bomba de Hiroshima em histórias infantis.
<b>AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Neutro</b> – Diversos pontos da atuação de Mitsue como bibliotecária advém dos traumas de ter sobrevivido à bomba, e diversos pontos negativos não-relacionados ao fato são contrabalançados com aspectos positivos com um resultado neutro. Enquanto trabalha, aceita comida de um suposto pretendente, mas diz que suas colegas a julgarão se não o fizer. Prefere queimar coisas relacionadas à bomba de Hiroshima. Queimou todas as referências ao pai. Prefere contar histórias antigas como elas são, sem adaptá-las para o público moderno. Fez parte de um clube de histórias antigas e após a dissolução do mesmo, diz que o espírito do clube vive nela. Síndrome de sobrevivente.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	Os temas de objetos como documentos é bem conhecido aos bibliotecários, através de Paul Otlet e Suzanne Briet, mas é raramente trazido à tela.



Fonte: Dados da pesquisa.

#### Quadro 14 – Descrição do filme *Confidences Trop Intimes*

<b>FILME – TÍTULO</b>	<b>Confidências Muito Íntimas</b>
<b>DIRETOR</b>	Patrice Leconte

<b>ANO</b>	2004
<b>NACIONALIDADE</b>	Francesa
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Francesa
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Drama; Romance
<b>DURAÇÃO</b>	01;44
<b>ENREDO</b>	William é um contador especializado em taxas que recebe a visita de Anna, uma mulher que tem sérios problemas matrimoniais. Anna pensa que William é um psicanalista e logo começa a falar de seus problemas. William não sabe como lidar com isso, e procura a ajuda de sua ex-mulher, Jeanne, uma bibliotecária.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Jeanne
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	09:26 – 11:50; 28:27-29:59; 45:00-47:40
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim, biblioteca onde Jeanne trabalha.
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Não.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	A Bibliotecária Jeanne ajuda o ex-namorado, o protagonista, dando-lhe conselhos do ponto de vista feminino sobre relacionamentos, ajudando-o a lidar com seu mais novo caso.
<b>AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Negativo</b> – Embora ajude o ex-namorado, o protagonista, com os problemas amorosos, dando-lhe conselhos e agindo de forma perceptiva, notando as mudanças e nuances no relacionamento entre William e Anna. Jeanne como uma bibliotecária é sarcástica e trata os usuários de forma sardônica, algo que não é muito positivo para a profissão. E trai o namorado atual com o protagonista.



Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 15 – Descrição do filme *Dinotopia***

<b>FILME – TÍTULO</b>	<b>Dinotopia</b>
<b>DIRETOR</b>	Marco Brambilla
<b>ANO</b>	2002
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Aventura
<b>DURAÇÃO</b>	11;56;24
<b>ENREDO</b>	Após um desastre aéreo, dois meio-irmão encontram-se numa ilha habitada tanto por humanos quanto dinossauros com superinteligência, vivendo em harmonia numa sociedade utópica. Sem ter como retornar à sua civilização original, os irmãos tentam se acostumar ao novo local, mas vilões se aproveitarão de sua vinda para tentar destruir e dominar a sociedade local.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Zippo, um <i>Stenonychosaurus</i> interessado em estudar humanos e mamíferos.
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Masculino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	Presente em inúmeras cenas, durante toda a duração do filme.
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim, há uma biblioteca repleta de livros e pergaminhos. Nela há um livro-chave para a trama.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	Dois irmãos sofrem um acidente de avião e acabam parando em Dinotopia, uma ilha onde dinossauros convivem com humanos. Para ajudá-los a se adaptarem, visto que nenhuma pessoa que acaba em Dinotopia consegue sair, a filha do governante local indica Zippo, um bibliotecário, que lhes dá abrigo enquanto se ajustam. Zippo também os ajuda a aprender sobre a cultura local, referenciando aos dois meios-irmãos diversas obras tanto sobre o local onde estão, quanto sobre a forma como humanos e dinossauros interagem. Quando um vilão rouba um livro específico em busca da destruição da sociedade de Dinotopia, e ambos os meios-irmãos partem para impedi-lo, Zippo os ajuda de diversas formas ao longo do filme, fora de sua biblioteca.
<b>AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Positivo</b> – Zippo demonstra grande habilidade linguística, cuidado com a biblioteca, sendo capaz de notar quando um livro da coleção é roubado. Como 'pessoa' deixa que os protagonistas vivam em sua casa até terem um local próprio e os ajuda durante todo o enredo do filme.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	O filme possui quase doze horas de duração por ter sido feito à partir de uma série de televisão, e depois transformado em 4 DVDs separados.



Fonte: Dados da pesquisa.

#### Quadro 16 – Descrição do filme *An Extremely Goofy Movie*

<b>FILME – TÍTULO:</b>	<b>Um Filme Extremamente Pateta, (An Extremely Goofy Movie)</b>
<b>DIRETOR</b>	Douglas McCarthy
<b>ANO</b>	2000
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Comédia, Animação
<b>DURAÇÃO</b>	1;18;59
<b>ENREDO</b>	Max, filho de Pateta, decide investir em um curso superior e muda-se para o campus onde estudará, aproveitando o tempo longe do pai para desenvolver-se sozinho e ter seu próprio espaço. Após a ida de seu filho, Pateta, sofrendo de solidão, perde o emprego num acidente, decidindo em seguida ir para a mesma universidade onde o filho estuda, a fim de obter um diploma, uma qualificação para melhores trabalhos e, ao mesmo tempo, remendar sua relação com Max.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Sylvia Marpole.
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	00;27;34 – 00;30;30; 036;30-0;39;31; 00;54;00-00;55;32; 00;55;50- 00;57;04; 01;12;04-01;13;04
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim, Biblioteca universitária.
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim, para estudo.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	Após ser demitido de seu trabalho, Pateta entra na faculdade para conseguir um diploma e, por conseguinte, um emprego melhor, ao mesmo tempo que tenta reajustar sua relação com seu filho. Sylvia Marpole é a bibliotecária da faculdade que o ajuda a

	<p>passar nas provas universitárias e desenvolve interesse romântico por ele. A bibliotecária Sylvia é a Bibliotecária-chefe, mas ela é representada em um posto tanto de atendimento como realizando trabalhos técnicos. Ela se apresenta de forma educada e explicita diversos aspectos inerentes ao fazer bibliotecário na vida real, não se limitando a conhecer as áreas da biblioteca, mas também referências, periódicos e a política da biblioteca (até o momento do trabalho, foi a primeira menção vista nos filmes a esses aspectos da biblioteconomia). Após Max pedir para que ela faça um cartão de biblioteca para o pai, ela entrega diversos folhetos sobre a biblioteca e cita o Código Decimal Dewey (também primeira menção, embora nos Estados Unidos seja utilizada a Classificação da Biblioteca do Congresso Americano) pedindo que ele seja respeitado. Durante uma cena, ela é vista reorganizando livros e recolocando os exemplares devolvidos nas prateleiras usando os carrinhos normalmente usados para tal tarefa. Quando Pateta precisa de ajuda para passar nas provas de faculdade, ela o ajuda de forma intensa. Fora da biblioteca a personagem possui seus próprios hobbies, maneirismos e independência.</p>
<p><b>AVALIAÇÃO – POSITIVO/NEGATIVO</b></p>	<p><b>Positivo</b> – Sylvia é educada, prestativa, fala de tecnicidades da biblioteconomia de forma correta e possui hobbies fora da biblioteca.</p>
<p><b>NOTAS PESSOAIS:</b></p>	<p>É um tanto estranho que um filme com tão poucos detalhes e tão pouca estrutura narrativa foque tão bem no papel do bibliotecário, por mais breve que seja. Não se sabe quais as áreas em que Max e Pateta estão matriculados, como eles conseguem pagar pelos cursos já que Pateta perdeu seu emprego, nem como a estrutura da universidade funciona, mas sabemos a estrutura da biblioteca, qual sistema ela usa, e que aparentemente a biblioteca só tem uma pessoa para cuidar de tudo. É uma inversão do que foi visto até agora nos filmes.</p>



Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 17 – Descrição do filme: *Firestarter - Rekindled*

<b>FILME – TÍTULO</b>	<b>Incendiária – Reativada (Firestarter-Rekindled.)</b>
<b>DIRETOR</b>	Robert Iscove
<b>ANO</b>	2002
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Horror, Ficção Científica, Thriller
<b>DURAÇÃO</b>	2;41;50
<b>ENREDO</b>	Charlene é uma garota que nasceu à partir de experimentos do governo. Possuindo o dom de atear fogo ao que quiser com seus poderes da mente, é perseguida por agentes governamentais que querem estudá-la e transformá-la em uma arma viva. Para escapar do governo e ao mesmo tempo tentar aprender sobre seus poderes e como controlá-los, passa a trabalhar numa biblioteca sob um nome falso. Para viver em paz, muda-se constantemente de local e utiliza nomes falsos, enquanto tenta aprender a dominar seus poderes. Mesmo tendo fingido sua morte, continua sendo caçada não só por agentes do governo, mas por outros experimentos similares a ela.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Sarah (Bibliotecária chefe) Charlene (Assistente de biblioteca, protagonista)
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.

<b>BIBLIOTECARIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	05;45 – 6;43; 7;54 – 8;20; 12;10 – 13;05 – 21;58 – 22;22
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim – Charlene, a protagonista, busca achar uma forma de controlar seus poderes e consulta quaisquer livros que possam ajudá-la.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECARIO NO ENREDO</b>	Sarah é a bibliotecária-chefe desta biblioteca. No filme, Sarah começa flagrando Charlene lendo arquivos removidos do “Necrotério” (apelido para o depósito onde volumes aguardam serem catalogados) e demanda vê-los, falando que é estranho uma garota ler sobre metalurgia e pede para ela colocá-lo de volta no arquivo (dizendo que Charlene ‘trabalha lá há uma semana, já deveria saber para onde as coisas vão’). Mais tarde ela aparece reclamando que as pessoas não colocam as coisas de volta no lugar (o que é errado, numa biblioteca deve-se devolver os itens para o bibliotecário ou deixá-los na mesa). Mais tarde ela dá um tour pela biblioteca para o agente do governo encarregado de achar Charlene, reclamando com o agente de que os arquivos governamentais ficaram públicos, mas não há pessoal para catalogá-los, pois menos e menos estudantes buscam se formar em biblioteconomia (o que infelizmente é verdade). Para piorar a situação, logo em seguida deixa o agente governamental sem supervisão no arquivo, e por conta disso documentos acabam sendo roubados.
<b>AVALIAÇÃO - POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Negativo</b> - Sarah invade a privacidade do usuário, dando opinião própria sobre o que o usuário lê (mesmo o usuário neste caso sendo uma assistente), faz demandas exageradas a Charlene, crê que é o usuário que deve colocar os livros de volta no lugar e, no final, não supervisiona a estadia de um usuário num local com informações sensíveis não-catalogadas, o que leva a arquivos importantes serem roubados.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	Sarah, aparentemente, é um simples resultado do roteirista não saber exatamente como um bibliotecário deve se comportar, ou não se importar em retratar um bibliotecário de forma fiel. Isso faz com que ela ‘fuja’ do estereótipo, embora caia diretamente na área de ‘grande incompetência’.



Fonte: Dados da pesquisa.

#### Quadro 18 – Descrição do filme *The Librarian: Quest for the Spear*

<b>FILME TÍTULO</b>	<b>O Guardião: Em Busca da Lança Sagrada</b>
<b>DIRETOR</b>	Peter Winther
<b>ANO</b>	2004
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Aventura, Comédia, Ação
<b>DURAÇÃO</b>	1;30;13
<b>ENREDO</b>	Flynn Carsen é um estudante crônico com 22 diplomas e que não sai da casa de sua mãe, até que recebe um chamado para disputar uma vaga como o bibliotecário da Biblioteca Pública Metropolitana. A biblioteca é mais do que parece, guardando tesouros perigosos, e Flynn, como o novo bibliotecário, tem como dever manter a segurança do local e seus segredos. Logo após ser contratado para o emprego, um ex-bibliotecário da mesma biblioteca rouba a Lança do Destino, e Flynn viaja pelo globo procurando impedir o vilão.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Flynn Carsen (Protagonista)
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Masculino
<b>BIBLIOTECARIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	Todo o filme, protagonista.
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim – Para alcançar a Lança do Destino, Flynn deve desvendar os mistérios de um livro antigo.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECARIO NO ENREDO</b>	Flynn como bibliotecário da Biblioteca Pública Metropolitana tem como dever não só o atendimento ao usuário, mas guardar os tesouros e artefatos que jazem seguros em sua

<p><b>AVALIAÇÃO - POSITIVO/NEGATIVO</b></p>	<p>estrutura.</p> <p><b>Positivo.</b> O filme faz menção ao Código Dewey, ao sistema da biblioteca do congresso, da necessidade de utilização da internet e sistema de atualização de notícias para usuários, e sistemas de pesquisa de teses e referências. Mas isso não foi considerado o suficiente para assegurar uma vaga na biblioteca Metropolitana, o bibliotecário escolhido teve de provar que soube usar seu conhecimento e ter amor pelo que faz. Como bibliotecário, Flynn deixa a desejar, com um método de remover livros das estantes incorreto, não recebendo treino ou supervisão e colocando comida em cima de um livro supostamente extremamente antigo e único, mas está atento a tudo ao seu redor e coleta plantas, flores e frutas para catalogação. Por conta das qualidades suplantarem os defeitos, sua atuação foi considerada Positiva.</p>
<p><b>NOTAS PESSOAIS:</b></p>	<p>À marca de doze minutos, uma das candidatas rejeitadas ao cargo de bibliotecário da biblioteca é uma senhora de óculos e coque. Ao que parece o diretor e roteirista sabiam do estigma de bibliotecário e fizeram uma pequena piada com isso.</p>



Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 19 – Descrição do filme *Men of Honor***

<b>Filme – TÍTULO</b>	<b>Homens de Honra</b>
<b>DIRETOR</b>	Brett Ratner
<b>ANO</b>	2000
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Drama
<b>DURAÇÃO</b>	02:08;47
<b>ENREDO</b>	O marujo Carl Brashear (Cuba Gooding Jr.) quer se tornar um mergulhador da marinha norte-americana, mas enfrenta um forte preconceito.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Senhora Biddle; Jo
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino
<b>BIBLIOTECARIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	00:37:05 – 00:42:12
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim, Brashier tem que estudar livros de física, química e outros para passar nos testes da Marinha.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECARIO NO ENREDO</b>	Por ter abandonado a escola na sétima série para poder ajudar o pai na lavoura, o protagonista Brashier não consegue passar nos testes escritos e, para não ser expulso, vai até a biblioteca da cidade para conseguir estudar. A bibliotecária, Jo, o ajuda a estudar para os testes, e ambos acabam desenvolvendo um relacionamento.
<b>AVALIAÇÃO - POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Positivo</b> – A bibliotecária chefe é um tanto rude com Brashier, falando que “Aqui é uma biblioteca pública, não um serviço de tutela”, mas indica Jo para Brashier. Jo aceita ajudar o marujo, mesmo estando ocupada com estudos próprios numa tentativa de ser médica. O filme demonstra as bibliotecárias recolocando livros nas prateleiras de forma adequada e fazendo consultas por telefone. Por conta das qualidades suplantarem os defeitos, a representação foi qualificada como Positiva.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	O filme tem uma cena em que Carl, ao chegar no quartel de treino dos mergulhadores e adentrar os dormitórios, sofre forte preconceito com todos os outros cadetes, que abandonam o local. Todos exceto um que se diz de Winsconsin. Na vida real, isso realmente aconteceu, mas a única pessoa a ficar no dormitório junto com Carl foi um mergulhador Brasileiro chamado Alberto José do Nascimento. Em outra cena, Brashear salva um outro cadete num incidente de treino, só que na vida real Alberto estava com ele e ajudou no resgate.



Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 20 – Descrição do filme *Miranda*

<b>FILME – TÍTULO:</b>	<b>Miranda</b>
<b>DIRETOR</b>	Marc Munden
<b>ANO</b>	2002
<b>NACIONALIDADE</b>	Reino Unido
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Comédia, Romance
<b>DURAÇÃO</b>	1;32;36
<b>ENREDO</b>	Um bibliotecário, Frank, está se preparando para o fechamento de sua biblioteca quando a misteriosa Miranda aparece. Eles têm um romance breve e, quando Miranda desaparece, Frank vai atrás dela e descobre que ela tem três identidades.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Frank
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Masculino
<b>BIBLIOTECARIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	Protagonista
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECARIO NO ENREDO</b>	A biblioteca é colocada como a base inicial do enredo, e Frank como uma pessoa desleixada em seu contexto organizacional para que sua vida mude ao ser exposto à Miranda.
<b>AVALIAÇÃO - POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Negativo</b> – Frank é um bibliotecário que, durante o trabalho, come em sua mesa de bibliotecário, faz arte com amendoins ao invés de trabalhar, não presta atenção nos usuários e deixa que estes comam enquanto lêem. É desajeitado e deixa livros

caírem. Ao longo do filme sua postura como pessoa melhora, e nuances são desenvolvidos, mas como bibliotecário deixa um péssimo exemplo.



Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 21 – Descrição do filme *Read or Die*

<b>FILME – TÍTULO:</b>	<b>Leia ou Morra</b>
<b>DIRETOR</b>	Koji Masunari
<b>ANO</b>	2002
<b>NACIONALIDADE</b>	Japonesa
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Japonês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Ação, Aventura, Animação
<b>DURAÇÃO</b>	1;40;37
<b>ENREDO</b>	Quando clones de personalidades históricas roubam um livro que contém uma fórmula para genocídio global, a biblioteca britânica manda um grupo de agentes para salvar o mundo.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Yomiko Readman; Joker
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino; Masculino
<b>BIBLIOTECARIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	Protagonista
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECARIO NO ENREDO</b>	Yomiko Readman é uma das agentes da Biblioteca Britânica cuja missão é encontrar e proteger livros por todo o mundo, ela tem o poder de moldar e enrijecer qualquer tipo de papel em qualquer forma que desejar. Joker é o líder da Biblioteca Britânica, que manda agentes por todo o mundo em busca de

<b>AVALIAÇÃO - POSITIVO/NEGATIVO</b>	<p>livros raros.</p> <p><b>Neutro</b> – Como pessoa, Yomiko tem bibliofilia (transtorno obsessivo compulsivo quanto a livros): Gasta todo o seu dinheiro com livros, sua casa é cheia de pilhas organizadas e é relapsa com sua higiene e vida pessoal a um nível que precisa deixar notas para lembrar-se de comer e pagar suas contas. Quando recebe a tarefa de salvar o mundo, prefere ficar em sua cidade com seu emprego de professora substituta (para comprar mais livros), e é necessário que receba promessas de pagamentos extras. Como agente, Yomiko mostra-se como extremamente capaz, inteligente e engenhosa. Genuinamente se condói ao ver livros destruídos e procura cuidar destes da melhor forma possível.</p>
--------------------------------------	---



Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 22 – Descrição do filme *Red Dragon*

<b>Filme – TÍTULO</b>	<b>Dragão Vermelho (Red Dragon)</b>
<b>DIRETOR</b>	Brett Ratner
<b>ANO</b>	2002
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Policial, Horror
<b>DURAÇÃO</b>	02:04:46
<b>ENREDO</b>	Um talentoso agente do FBI aposentado por traumas psicológicos é obrigado não só a voltar à ação, mas confrontar o homem que originou seus traumas quando um inteligente e metódico assassino em série surge numa sequência de crimes brutais.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Bibliotecária sem nome.

<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino
<b>BIBLIOTECARIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	00;48;36 – 00;49;07; 00;50;19 – 00;51;00
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim, livros de referência à literatura, filosofia e arte. A referência específica é de William Blake, <i>Augúrios de Inocência</i> .
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECARIO NO ENREDO</b>	O agente do FBI Will Graham (interpretado por Edward Norton) precisa capturar o assassino serial 'Fada do Dente' (Ralph Fiennes). Para tal, precisa de ajuda para decifrar uma pista dada por Hannibal Lecter (Anthony Hopkins), e busca a biblioteca, onde é ajudado por uma bibliotecária local. A pista é uma referência obscura a uma obra de arte.
<b>AVALIAÇÃO - POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Positivo</b> - A bibliotecária é prestativa, não condiz com o determinado estereótipo, já que é jovem, com roupas diferentes e casuais. Infelizmente mastiga chiclete numa biblioteca, mas é um ponto menor. Busca não só dar as referências ao usuário (mostrando que o bibliotecário pode ajudar com serviços de referência), como oferece referências similares (no caso não só o livro referenciado de William Blake, mas livros de arte relacionados ao autor). Enquanto o usuário faz sua pesquisa, a bibliotecária é vista ao fundo continuando a procurar livros relacionados.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	É interessante notar que seu adereço de cabelo é um par de óculos! Isto me leva a crer que ela é um desafio proposital ao estereótipo, todos os elementos de sua pessoa (vestimenta, maquiagem, etc) podem ter sido 'acidentais', mas ao aludir aos óculos usados por bibliotecárias estereotípicas através de um adorno, todo o resto muda para algo deliberado.



Fonte: Dados da pesquisa.

### Quadro 23 – Descrição do filme *School of Rock*

<b>Filme – TÍTULO</b>	<b>Escola do Rock (School of Rock)</b>
<b>DIRETOR</b>	Richard Linklater
<b>ANO</b>	2003
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Comédia, Musical
<b>DURAÇÃO</b>	109min
<b>ENREDO</b>	Dewey Finn é um roqueiro recentemente removido de sua banda. Para não ser expulso do apartamento onde vive, rouba a identidade de seu colega e finge ser um professor substituto numa escola de alta classe. Sua vida muda quando nota que sua classe de crianças tem talento musical, e passa a ensiná-las rock.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Roberta, Bibliotecária. (Nome não é dado no filme)
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECARIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	39;44-40;30
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Não
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Sim, nas salas de aula.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECARIO NO ENREDO</b>	A bibliotecária aparece em duas cenas onde os professores se reúnem com o personagem principal, este fingindo que é um professor substituto contratado pela escola.
<b>AVALIAÇÃO - POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Neutro</b> - A bibliotecária, que aparenta ter meia-idade, poderia ser removida da história sem nenhuma mudança.



Fonte: Dados da pesquisa.

**Quadro 24 – Descrição do filme *Star Wars Episode II: – Attack of the Clones***

<b>FILME – TÍTULO:</b>	<b>Guerra nas Estrelas Episódio II: – O ataque dos Clones (Star Wars Episode II: – Attack of the Clones)</b>
<b>DIRETOR</b>	George Lucas
<b>ANO</b>	2002
<b>NACIONALIDADE</b>	Estadunidense
<b>LÍNGUA FALADA</b>	Inglês
<b>GÊNERO DO FILME</b>	Ficção Científica, Aventura, Fantasia, Ação
<b>DURAÇÃO</b>	02;22;27
<b>ENREDO</b>	A república galáctica está sob ataque de uma misteriosa força com um exército de andróides separatistas. Para ajudar a combater esta ameaça, a Ordem Jedi manda dois de seus cavaleiros investigar um mistério por detrás de uma tentativa de assassinato de uma senadora, e protegê-la.
<b>NOME DO(A) BIBLIOTECÁRIO(A)</b>	Jocasta Nu, bibliotecária da Ordem Jedi. (Nome não é dado no filme, apenas nos créditos.)
<b>GÊNERO DO(A) PERSONAGEM</b>	Feminino.
<b>BIBLIOTECÁRIO EM CENA – DURAÇÃO</b>	0;33;48 – 00;34;50
<b>CENA DENTRO DE UMA BIBLIOTECA</b>	Sim
<b>REFERÊNCIAS E/OU USO DE LIVROS</b>	Não. Apenas mapas espaciais e arquivos de planetas são consultados.
<b>O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO ENREDO</b>	Obi-Wan Kenobi está atrás de um assassino, e sua única pista o leva ao planeta Kamino. Ele busca a localização do planeta nos arquivos da Ordem Jedi, mas não o acha, pedindo ajuda à bibliotecária. Ela deixa seu posto para atender a Obi-Wan quando ele pede ajuda, mas ao buscar a informação se recusa a acreditar que os arquivos estejam incompletos ou com danos, dizendo que 'se não está nos arquivos, não existe'
<b>AValiação - POSITIVO/NEGATIVO</b>	<b>Negativo</b> - Ela é um arquétipo de velha bibliotecária tanto na aparência, pois usa coque, quanto ao não se envolver em busca da informação solicitada, cabendo a uma criança solucionar o mistério e revelar que o planeta foi apagado dos arquivos.
<b>NOTAS PESSOAIS:</b>	Achei um tanto estranho que a biblioteca é ao mesmo tempo o arquivo da ordem <i>Jedi</i> , mas, com os avanços tecnológicos e a digitalização de todos os recursos, quem sabe talvez ambas as áreas se unam?



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao final da análise de cada filme foi acrescentada a avaliação correspondente a **Positivo, Negativo ou Neutro** com base na atuação do bibliotecário dentro dos critérios pré-estabelecidos, sendo que estes não necessariamente se anulam ou isolam. Por exemplo, um bibliotecário que tenha se portado de maneira **negativa** em alguma das circunstâncias analisadas, não terá, necessariamente invalidada a sua atuação de forma **positiva** em outra circunstância.

Vale ressaltar a denominação e utilização de termos utilizados para designar se um personagem se destaca como principal ou não no enredo de um filme: foram trazidos e adaptados do *O Dicionário Aurélio* (1999), considerando-se personagens 'protagonistas' como aqueles que detém maior tempo em cena e/ou relevância no enredo; personagens 'coadjuvantes', isto é, aqueles que apenas aparecerão em um pequeno número de cenas, em diálogos ou outras circunstâncias; e 'figurantes', sendo aqueles que não têm nome e/ou cuja influência na trama se limite a uma ou duas cenas, comparando-se aos protagonistas e coadjuvantes.

Ao eleger critérios, descrever e analisar esses filmes, objetivamos demonstrar o que vimos quanto ao que o cinema, ao longo do tempo, vem construindo como

representações do bibliotecário e como uma fonte de informação, vem exercendo um papel de mediador e disseminador de informações.

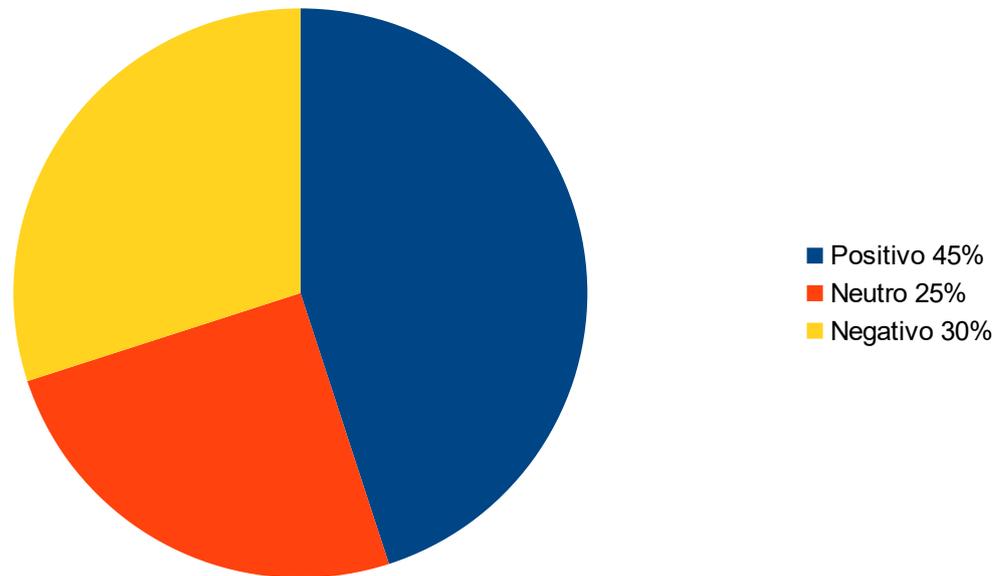
#### 4.3 OS DADOS

A qualificação de **Positivo** foi dada a personagens que se enquadraram como sujeitos exemplares tanto no exercício da profissão, quanto nas relações sociais estabelecidas, distanciada da imagem estereotipada descrita por Walter e Baptista (2007).

A qualificação final de **Negativo** foi atribuído a personagens que se enquadram no perfil estereotípico definido por Walter e Baptista (2007) ou seja, aqueles que representam uma imagem negativa do profissional e do sujeito social.

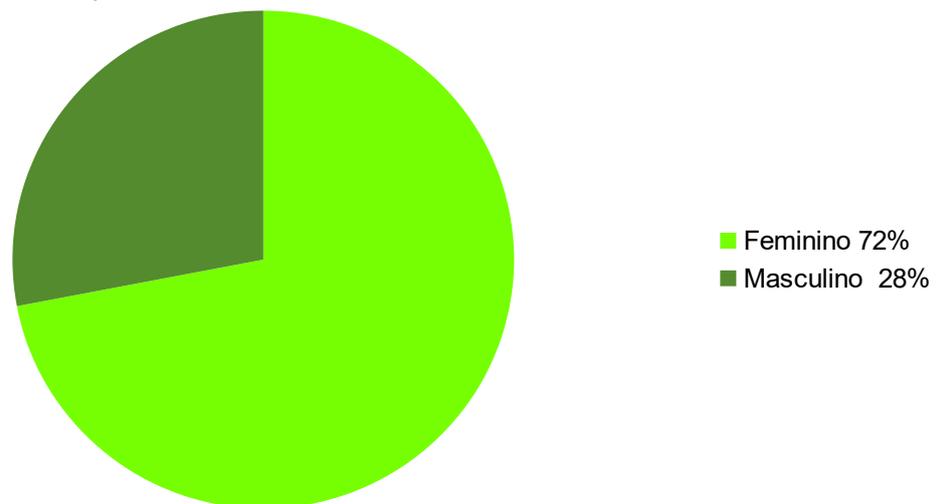
Já a qualificação de **Neutro** foi reservada para personagens cujo status como bibliotecários afetam minimamente o filme, a ponto de poderem ser substituídos por profissionais de outras áreas, senão removidos inteiramente da trama, sem nenhum prejuízo, ou que demonstraram características tanto positivas quanto negativas à um nível em que uma qualificação Positiva/Negativa não seria viável. Nestes casos, todas as características foram listadas.

Dos 20 filmes assistidos, 9 (45%) obtiveram o uma avaliação **Positiva**, 6 (30%) obtiveram uma avaliação **Negativa** e os 5 (25%) restantes uma avaliação **Neutra**. Os dados foram explicitados através dos gráficos 1 a 3.

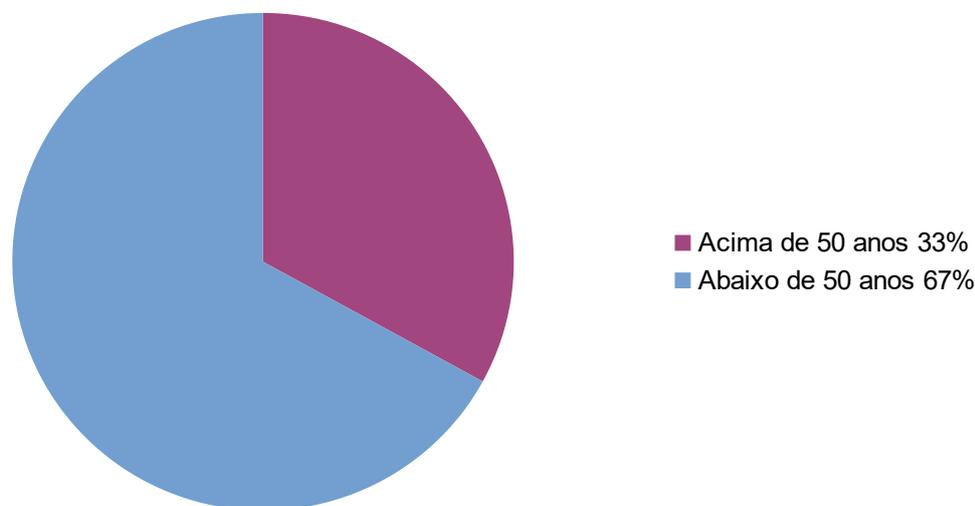
**Gráfico 1:** Classificação final dos profissionais representados

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto ao sexo, 18 (72%) dos 25 bibliotecários são do sexo feminino e, destas 18 bibliotecárias 6 (33%) podem ser consideradas senhoras ou, no mínimo, pessoas de meia-idade (acima de 50 anos).

**Gráfico 2:** Sexo dos profissionais em tela

Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 3:** Idade das bibliotecárias.

Fonte: Dados da pesquisa

Das representações **Negativas** de bibliotecários, 2 de 6 são relacionados a estereótipos; a bibliotecária no filme *Billy Elliot* nega acesso à informação, Jocasta Nu em *Star Wars* é idosa, usa coque no penteado e é arrogante. Das outras representações negativas, 1 aborda temas de ganância e dominação informacional (Dr. Know, no filme *A.I.*) e 3 simplesmente demonstram incompetência na área de Biblioteconomia (Sarah, no filme *Firestarter*) e/ou hostilidade no atendimento ao usuário (Jeanne no filme *Confidences Trop Intimes*). Dos 20 filmes, 5 personagens bibliotecários não tem nome dito em cena, a exemplo de Jocasta Nu, apenas revelado nos créditos do filme em questão.

É importante ressaltar que das 9 representações **Positivas**, 4 ativamente desafiam estereótipos ao mostrar mulheres que, independentemente da idade, posição, distinção ou indumentária, mostraram-se prestativas com o usuário e/ou são pessoas com dignidade e bondade para com as pessoas fora de sua biblioteca. As outras representações positivas mostraram-se completamente fora do estereótipo estabelecido por Walter e Baptista (2007), embora também prestassem auxílio para os personagens principais em suas tramas. Também é importante salientar que, no recorte de dez anos, em vinte filmes, apenas 6 representações foram consideradas **Negativas**.

## 5 CONCLUSÕES

Ao fim da pesquisa, chegamos a algumas conclusões ao tentar responder às questões de partida formuladas sobre como o cinema constrói a representação do bibliotecário e qual papel ele exerce como mediador e disseminador da informação, e, assim, atingir os objetivos propostos.

Inicialmente, conforme explicitado no Capítulo 2, a figura do bibliotecário é marcada por um contraste extremo. O profissional da vida real, conforme explicitado neste trabalho, é plural em suas capacitações por simples necessidade, lidando com o usuário, os sistemas informacionais, a catalogação e manutenção do acervo e todas as responsabilidades que não só afetam seu espaço, como também afetam sua comunidade. Bibliotecários precisam continuar ampliando seu conhecimento não só para se manter relevantes num cenário científico em constante desenvolvimento, mas também para permanecerem profissionais integrais a suas bibliotecas, ou seja, são profissionais cuja base é 'não ficar parado'. Os bibliotecários estão dispostos a aprender novas áreas do conhecimento e buscar, fora de suas bibliotecas, as comunidades ao seu redor de modo a fomentar ações culturais e interesse na leitura.

Em contrapartida o imaginário pinta uma figura completamente diferente: Uma figura retrógrada, que prefere continuar com sistemas de cartões de papel a ter que aprender a lidar com um computador, que não só desdenha do usuário, como resente sua presença na biblioteca cuja existência se justifica em ajudá-lo. Tal representação toma carne em diversos profissionais que infelizmente marcaram as mentes de usuários e corroboraram com a solidificação e disseminação deste estereótipo. Enfim, tão solidificado, este estereótipo desafia a razão, pois paradoxalmente a bibliotecária é uma figura ranzinza e hostil por ser uma intelectual arrogante, ao mesmo tempo em que a biblioteconomia supostamente não necessitaria de grande esforço intelectual. Independente de suas capacidades intelectuais, esta figura ainda é senhora de seu espaço, o defenderá com um

egoísmo draconiano e rechaçará quaisquer intrusos com pedidos constantes de silêncio e caretas de desgosto.

Entrando em cena nessa história complexa de imagens, o cinema. Uma das mais abrangentes formas de comunicação, oferecendo o paradoxo de uma mediação unilateral que pode disseminar conteúdo feito de forma específica, para uma grande quantidade de espectadores por todo o mundo. O diretor de um filme pode construir as cenas de forma a induzir os espectadores a terem uma determinada impressão, seja com jogos de luzes, ou iconografia ou diálogos. Os espectadores, caso queiram contestar suas impressões, apenas pode buscar referências, ou discutir o que viram, após o filme terminar.

Embora a representação do bibliotecário no cinema não seja completamente negativa, pelo menos nos filmes da década definida como universo da pesquisa, ela ainda é predominantemente marcada pelo estereótipo. A grande maioria das representações são de personagens femininas e, das representações negativas, metade tem origens na imagem estereotipada da bibliotecária ranzinza e orgulhosa descrita por Walter e Baptista (2007), tornando a busca por informações mais difícil sem motivos específicos.

Esses estereótipos são, a partir dos resultados coletados e conforme material estudado, completamente díspares da realidade do profissional. Mas, condizente ou não com a realidade, os estereótipos influenciam na vida real, com as entrevistas feitas por Alda Silva (2009) revelando que profissionais consideram seus esforços ignorados pela grande parte da população. Pode-se pensar que até mesmo o fato de a enorme maioria da profissão ser composta por mulheres é relacionada com o estereótipo, mas para confirmar tal concepção seria necessária outra pesquisa de maior cunho e escopo.

Mas há muito o que celebrar. Dentre os filmes analisados, grande parte das personagens mostrou-se prestativa e, em muitos casos, disposta a desafiar os padrões estabelecidos. Podemos até considerar que os diretores e roteiristas estão cientes do estereótipo e procuram utilizá-lo não como molde, mas como ideia a ser ridicularizada. Foram encontradas, nesta pesquisa, personagens bibliotecárias que foram além de suas obrigações como profissionais para ajudar os protagonistas, ou personagens que demonstraram uma vida, e personalidade, independentes de sua

profissão. Isto pode não ser um cenário ideal, mas é um começo, abrindo assim a possibilidade de mais facetas da Biblioteconomia serem exploradas, desde quando o bibliotecário, como profissional, é uma figura cuja atuação vai muito além da bancada de atendimento, por exercer atividades complexas e por ter um papel social, tanto na comunidade onde reside, como no seu ambiente de trabalho, esteja ele em uma biblioteca pública, universitária, escolar ou especializada.

Pode-se pensar de forma ainda mais otimista, se considerarmos que, conforme vimos anteriormente, a história do cinema é recente diante da magnitude da história da representação humana. O estereótipo pode estar ancorado firmemente no imaginário da sociedade, mas dentro do cinema aparenta ser desafiado e ridicularizado. E esse mesmo estereótipo pode ser mudado com a ajuda do cinema devido a seu grande alcance e influência em seus espectadores.

Todas as vozes e todas essas reflexões sobre os diferentes assuntos tratados e pontos de vista abordados, formaram a base para trazer à tona a imagem do bibliotecário no cinema. Espera-se que este trabalho seja de interesse para pesquisadores futuros, não só bibliotecários, como para amantes do cinema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. C.; MARTINS, G. K.; MOTA, D. R. (org.). **Organização e representação da informação e do conhecimento**: intersecções teórico-sociais. João Pessoa: UFPB, 2019. 208 p.

ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119328>. Acesso em: 05 abr. 2023.

ALMEIDA, Marco Antonio de. Mediação e mediadores nos fluxos tecnoculturais contemporâneos. **Informação & informação**, Londrina, PR, v. 19, n. 2, p. 191-214, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/46350>. Acesso em: 05 abr. 2023.

ALMEIDA, M. A.; NOGUEIRA, J. F. Mediações sociotécnicas, políticas e ação cultural: explorando territórios. **Perspectivas**, São Paulo, v. 43, p. 131-157, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/6615>. Acesso em: 05 abr. 2023.

ARAUJO, N. C.; FACHIN, J. Evolução das fontes de informação. **Biblos**: revista do instituto de ciências humanas e da informação, Rio Grande, v. 29, ed. 1, p. 81-96, 2015.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. **Folha de rosto**, v. 3, n. 1, p. 68-79, 17 ago. 2018.

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. 2a. ed. São Paulo: Papyrus, 2002. 304 p.

AVELINO, Y. D.; FLÓRIO, M. História cultural: o cinema como representação da vida cotidiana e suas interpretações. **Projeto história**, São Paulo, v. 48, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/20705>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **Revista São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em:

<https://bibliotextos.files.wordpress.com/2012/03/a-questao-da-informac3a7c3a3o.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021

BAZIN, André. **O cinema**: Ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991. 326 p.

BRASIL. Lei nº 9.674, de 25 de Junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. **Diário Oficial da União**. 26 jun. 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9674.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9674.htm). Acesso em: 13 maio 2021.

BUCKLAND, Michael. Information as thing. **Journal of the american society of information science**, s.l., v.42, n.5, p. 351-360, 1991.

**A CAVERNA DOS SONHOS ESQUECIDOS**. Direção: Werner Herzog. Produção: Erik Nelson. Fotografia de Joe Bini. Alemanha, França, Estados Unidos, Reino Unido: IFC Films, 2010. 1DVD.

COELHO, F. Conceitos “cultura” e “representação”: contribuições para os estudos históricos. **Fronteiras**, [S. l.], v. 16, n. 28, p. 87–99, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/4544>. Acesso em: 3 set. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (Brasil). **Resolução CFB nº 207/2018, de 11 de Setembro de 2018**. Dispõe sobre o Código de Ética e Deontologia do Bibliotecário. Brasília: Diário Oficial da União, 9 nov. 2018.

COSTA, Flávia Cesarino. Primeiro cinema. *In*: MASCARELLO, Fernando (coord.). **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006. cap. 1, p. 17-52.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais**: fontes de informação em ciência e tecnologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2001. 168 p.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. xvi, 451 p.

DAVSON, Felipe Pereira da Silva. O cinema como fonte histórica e como representação social: alguns apontamentos. **História Unicap**, Recife, v. 4, ed. 8,

2017. DOI <https://doi.org/10.25247/hu.2017.v4n8.p263-273>. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/961>. Acesso em: 11 nov. 2020.

DÓRIA, M. G.; SANTOS, F. B. A representação da imagem da biblioteca nas histórias em quadrinhos (hqs). **Revista fontes documentais**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 36-59, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/120077>. Acesso em: 2 maio 2023.

DUCKDUCKGO. [S. l.], 2008. Disponível em: [duckduckgo.com](http://duckduckgo.com). Acesso em: 16 fev. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2128 p. ISBN 85-209-1010-6.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução Flávia Nascimento, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 143 p.

FONSECA, Edson Nery Da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. rev. Brasília: Briquet De Lemos, 2007. 148 p.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e antropologia**. Campinas: Unicamp, 1998. 438 p.

FUJITA, M. S. L.; ALVES, R. C. V.; ALMEIDA, C. C. **Modelos de leitura documentária para indexação: abordagens teóricas interdisciplinares e aplicações em diferentes tipos de documentos**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & informação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 46–59, 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n2p46. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 5 maio. 2023.

GOMES, H. F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **Datagramazero**, v. 9, n. 1, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6642>. Acesso em: 05 maio 2023.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. 493 p.

JACOBSEN, Priscila Saraiva. **A imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção**. Orientador: Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto. 2010. 130 f. Monografia (Bacharel em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, 2010.

KERLINGER, Fred N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais: um tratamento conceitual**. Tradução de Helena Mendes Rotundo. 11. ed. rev. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 2009. ISBN 978-85-12-60340-7.

KOBASHI, Nair Yumiko. Fundamentos semânticos e pragmáticos da construção de instrumentos de representação de informação. **Datagramazero: revista de ciência da informação**, v. 8, n. 6, p. [1-9], dez. 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 476 p. ISBN 85-268-0180-5 20.

LE GOFF, Jacques. **Histoire et imaginaire**. Paris : Poiesis, 1986.

MARTINS, G. K.; CÔRTEZ, G. R. A representação da informação e do conhecimento e as representações sociais: intersecções e limites. *In*: ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; MARTINS, Gracy Kelli; MOTA, Denysson Axel Ribeiro (org.). **Organização e representação da informação e do conhecimento: intersecções teórico-sociais**. João Pessoa: UFPB, 2019. p. 159-182. ISBN 978-85-237-1416-1.

MACAMBYRA, Marina. **Manual de catalogação de filmes da biblioteca da ECA**. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação ECA, 2009. 68 p. Disponível em: [http://www.rebeca.eca.usp.br/Manuais/Manual\\_de\\_catalogacao\\_de\\_filmes.pdf](http://www.rebeca.eca.usp.br/Manuais/Manual_de_catalogacao_de_filmes.pdf). Acesso em: 23 maio 2021.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972. 298 p.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. 94 p.

MILANESI, Luís. Olhando para trás. *In*: MILANESI, Luís. **Biblioteca**. [S. l.]: Ateliê Editorial, 2004. cap. 3.

MILANESI, Luís. A informação, o cotidiano. *In*: MILANESI, Luís. **Biblioteca**. [S. l.]: Ateliê Editorial, 2004. cap. 4.

MIRANDA, M. C.; RIBEIRO, M. P.. Os princípios otletianos na gestão da informação e do conhecimento. *In*: PEREIRA, Ana Maria; KROEFF, Márcia Silveira; CORREA, Elisa Cristina Delfini (org.). **As Contribuições de Paul Otlet para a biblioteconomia**. Florianópolis: ACB, 2018. cap. 2, p. 49-73.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Moraes, 1970. 203 p.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015

MUELLER, S. M. A Ciência, O sistema de comunicação científica e a literatura científica. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. cap. 1, p. 21-34.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. *In*: PÍNSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2a. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 235-290.

NASCIMENTO, M. G. **Desvendando o véu da opacidade**: a representação da mulher nos arquivos públicos brasileiros. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2021. (Selo Nyota) 412 p.

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação & informação**, v. 1, n. 2, p. 37-45, 1996. DOI: 10.5433/1981-8920.1996v1n2p37 Acesso em: 26 set. 2022.

NOVO, Hildenise Ferreira. Representação do conhecimento ou representação conceitual?: uma investigação epistemológica no âmbito da ciência da informação e da filosofia nas considerações de Deleuze e Guatarri. **Ponto de Acesso**, v. 7, n. 3, p. 114-129, 2013. DOI: 10.9771/1981-6766rpa.v7i3.9328 Acesso em: 04 set. 2022.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. *In*: Congresso Isko-Espanha, 2009, Valencia. **A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje** [...]. Valencia: Universidad Politécnica de Valencia, Servicio de Publicaciones, 2010. p. 120-139.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ROSENFELD, Anatol. **Cinema: arte & indústria**. 1a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 264 p. ISBN 978-85-273-0315-6.

RUBIN, Richard E. **Foundations of library and information science**. 2. ed. New York: Neal-Schuman, 2004. 579 p. Disponível em: <https://archive.org/details/foundationsoflib00rubi/page/562/mode/2up>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SÁ, Alzira Tude. A imagem fotográfica como representação e documento: um estudo a partir das fotografias de objetos da sala de visitas do escritor Jorge Amado. **Inf. Soc.:Est.**, João Pessoa, v.28, n.1, p. 91-108, jan./abr. 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação à edição brasileira. *In*: BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. v. 2, cap. 1, p. 7-15.

SHERA, Jesse Hauk. **The foundations of education for librarianship**. New York: Becker and Hayes, 1972. 511 p. ISBN 13: 9780471785200. Disponível em: [https://www.goodreads.com/book/show/2274259.The\\_Foundations\\_of\\_Education\\_for\\_Librarianship](https://www.goodreads.com/book/show/2274259.The_Foundations_of_Education_for_Librarianship). Acesso em: 2 fev. 2021.

SILVA, A. L.. **A auto-imagem do profissional bibliotecário na sociedade contemporânea**: um estudo de caso do município de Salvador (BA). Orientador: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. Henriette Ferreira Gomes. 2009. 112 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/7926>. Acesso em: 12 out. 2022.

SNOEK-BROWN, Jennifer. **Reel librarians: librarians + movies = reel love**. [S. l.], [201-]. Disponível em: <https://reel-librarians.com/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

TACCA, Fernando. Imagem fotográfica: aparelho, representação e significação. **Psicologia e sociedade**, Campinas, SP, v. 17, n. 3 p. 9-171, set./dez, 2005.

WALTER, M. T.. Identidades, valores e mudanças: o poder da identidade profissional. Os bibliotecários subsistem na era da informação?. **Em questão**, Porto Alegre, v. 10, ed. 2, p. 287-299, jul./dez. 2004.

WALTER, M. T.; BAPTISTA, S. G.. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & sociedade: estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, set./dez. 2007.

YEO, Geoffrey. Records and representations. In: **Conference on the philosophy of the archive**, 2008, Edinburgh. Anais eletrônicos. Edinburgh: 2008.

## REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

**9.** Direção: Shane Acker. Produção: Jim Lemley; Tim Burton; Timur Bekmambetov; Dana Ginsburg. Roteiro: Shane Acker. Estados Unidos: Focus Features, 2009. DVD

**ÁGORA.** Direção: Alejandro Amenábar. Produção: Fernando Bovaira. Espanha: Fox International Productions, 2009. 1 DVD.

**A.I. ARTIFICIAL INTELLIGENCE.** Direção: Steven Spielberg. Produção: Kathleen Kennedy; Steven Spielberg; Bonnie Curtis. Roteiro: Steven Spielberg. Fotografia de David Drzewiecki. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2001. 1 DVD.

**ALL THE QUEEN'S MEN.** Direção: Stefan Ruzowitzky. Produção: Rainer Virnich; Phil Alden Robinson. Roteiro: David Schneider. Alemanha: Streamline, 2001. 1 DVD.

**AUTUMN IN NEW YORK.** Direção: Joan Chen. Produção: Gary Lucchesi; Amy Robinson; Tom Rosenberg. Roteiro: Allison Burnett. Estados Unidos: Lakeshore Entertainment, 2000. 1 DVD.

**BECAUSE of WINN-DIXIE.** Direção: Wayne Wang. Produção: Trevor Albert; Joan Singleton. Roteiro: Joan Singleton. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2005. 1 DVD.

**BILLY ELLIOT.** Direção: Stephen Daldry. Produção: Greg Brenman. Roteiro: Lee Hall. Reino Unido: Universal Pictures, 2000. 1 DVD.

**BUONGIORNO, NOTTE.** Direção: Marco Bellocchio. Itália: [s. n.], 2003. 1 DVD.

**CHICHI TO KURASEBA.** Direção: Kazuo Kuroki. Japão: [s. n.], 2004. 1 DVD.

**CONFIDENCES TROP INTIMES.** Direção: Patrice Leconte. França: Paramount Classics, 2004. 1 DV

**DINOTOPIA.** Direção: Marco Brambilla. Produção: Robert Halmi. Roteiro: James Gurney; Simon Moore. Estados Unidos: Hallmark Entertainment, 2002. 2 DVDS.

**EXTREMELY GOOFY MOVIE.** Direção: Douglas McCarthy. Produção: Lynne Southerland. Roteiro: Scott Gorden. Estados Unidos: Walt Disney Home Video, 2000. 1DVD.

**FIRESTARTER: Rekindled.** Direção: Robert Iscove. Produção: Jeff Morton. Roteiro: Philip Eisner. Estados Unidos: Sci Fi Channel, 2002. 2DVDS.

**THE LIBRARIAN: Quest for the Spear.** Direção: Peter Winther. Estados Unidos: TNT, 2004. 1 DVD.

**MEN OF HONOR.** Direção: Brett Ratner. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2000. 1 DVD.

**MIRANDA.** Direção: Marc Munden. Reino Unido: First Look Pictures, 2002. 1 DVD.

**READ OR DIE.** Direção: Koji Masunari. Japão: Madman Entertainment, 2002. 1 DVD.

**RED DRAGON.** Direção: Brett Ratner. Produção: Dino De Laurentiis; Martha De Laurentiis. Roteiro: Ted Tally. Estados Unidos: Universal Pictures, 2002. 1DVD.

**SCHOOL OF ROCK.** Direção: Richard Linklater. Produção: Scott Rudin. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2003. Disponível em: [Netflix.com](https://www.netflix.com). Acesso em: 20 dez. 2020.

**STAR WARS:** Episode II – Attack of the Clones. Direção: George Lucas. Produção: Rick McCallum. Roteiro: George Lucas. Estados Unidos: Lucasfilm Ltd., 2002. 1DVD.

## APÊNDICE 1 – Exemplo de Manual da ECA

48

## 4 EXEMPLOS COMPLETOS

- Longa-metragem brasileiro de ficção, várias cópias, suportes físicos diferentes

**Localização:** VC1074; DVD0638/9; DVD0640/1  
**Título:** Terra em transe  
**Direção:** ROCHA, Glauber, 1938-1981  
**País:** Brasil, 1967  
**Produção:** Mapa Filmes (Rio); Difilm  
**Materiais:** vídeo : 1 ex., VHS/NTSC, p&b, 115 min  
 DVD : 2 ex., NTSC, 2 discos, p&b, 115 min  
**Formato da tela:** 1.33:1 Fullscreen  
**Produção:** BARRETO, Luiz Carlos; DIEGUES, Carlos; REIS, Raymundo W; ROCHA, Glauber  
**Prod. executiva:** VIANA, Zelito  
**Roteiro:** ROCHA, Glauber  
**Fotografia:** LUFTI, Dib; BARRETO, Luiz Carlos  
**Montagem:** ESCOREL, Eduardo  
**Som:** VIANA, Alberto  
**Figurinos:** GUIMARÃES, Guilherme  
**Cenários:** SOARES, Paulo Gil  
**Intérpretes:** AUTRAN, Paulo; JARDEL FILHO; LEWGOY, José; ROCHA, Glauber; GRACINDO, Paulo; CARVANA, Hugo; LEÃO, Danuza; SOUZA, Modesto de; LAGO, Mario; MIGLIACCIO, Flávio; RESTON, Telma; MARINHO, José; MILANI, Francisco; PEREIRO, Paulo César  
**Resumo:** Em Eldorado, em algum lugar da América Latina, o poeta Paulo agoniza e evoca seus dilemas. Ele oscilou entre dois pretendentes à presidência: Don Porfírio Diaz, político paternalista da capital e Don Filipe Vieira, governador da província de Alecrim, eleito num momento de crise. Este, ajudado pela igreja, abandona suas promessas eleitorais e vira as costas ao povo, sob pressão dos proprietários. O místico Diaz obtém o apoio de Don Julio Fuentes, magnata proprietário de meios de comunicação. Com eles alinham-se os multinacionais. Paulo e sua companheira Sara, militante de esquerda, não encontram saída para as contradições do país. Enquanto Diaz é coroado, Paulo morre por não saber conciliar poesia e política. (CENTRE GEORGES POMPIDOU. Le cinéma brésilien, p. 282)  
**Descritores de assunto:** Políticos; Poetas; América Latina  
**Forma:** Filme  
**Gênero:** Ficção  
**Notas:** VC1074 acompanha a revista Isto É Cinema Brasileiro e tem comentário inicial do crítico Luciano Ramos; som ruim  
**Distr. m vídeo:** Revista Isto é; Versátil Home Video  
**Extras do DVD:** DVD0638 e DVD0640: Entrevista com Paloma Rocha, diretora do projeto de restauração dos filmes de Glauber Rocha e depoimentos de Carlos Augusto Calil, Carlos Roberto de Souza, Lauro Escorel, Patrícia de Filippi, Eduardo Escorel, Luiz Sasso e equipe dos Estúdios Mega; Opções de legendas em português, espanhol, inglês e francês; DVD0639 e DVD0641: Documentário Depois do transe, em registro separado; Documentário Maranhão 66, em registro separado; Trailer; Galeria de fotos do arquivo Tempo Glauber, com fotos de cena, de bastidores e álbum de fotos; Galeria de fotos do arquivo do MAM; Fichas técnicas do documentário Depois do Transe, da restauração e do DVD  
**Condições de uso:** VC1074 empréstimo autorizado; DVD0638/9 empréstimo autorizado